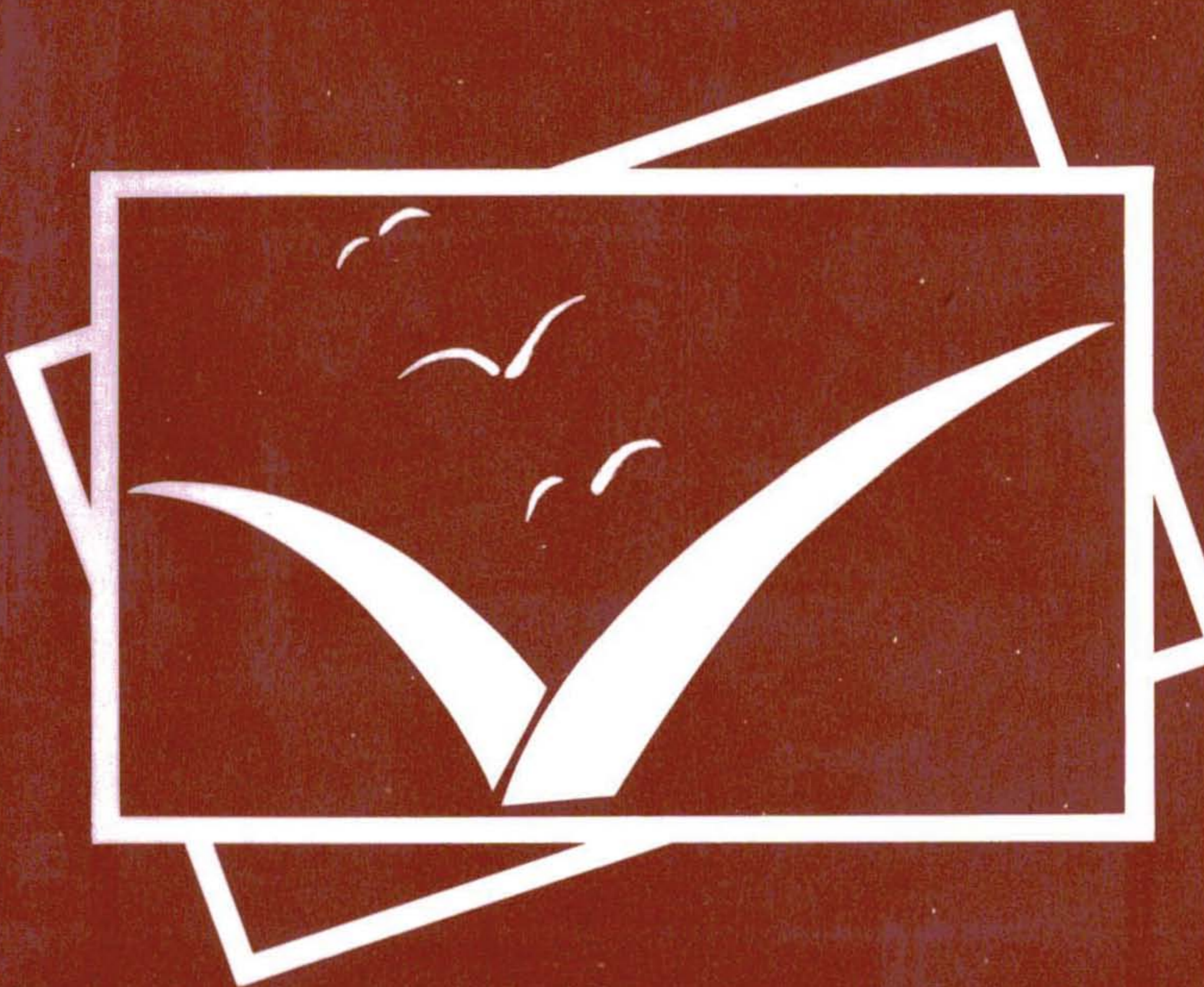


convergência

SET — 1980 — ANO XIII — Nº 135



- **CEM ANOS A SERVIÇO DE DEUS E DA IGREJA**
Ir. Clari Eva Corso, MSC — página 387
- **ORAÇÃO, RESPOSTA PESSOAL À PRESENÇA DE DEUS**
J. Nigro, SJ — página 392
- **O CRISTÃO E A LUTA PELA JUSTIÇA**
Frei Leonardo Boff, OFM — página 422

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil (CRB)

Diretor-Responsável:

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1980:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea)	Cr\$ 420,00
Exterior: marítima	US\$ 17,00
Exterior: aérea	US\$ 25,00
Número avulso	Cr\$ 42,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20211 Rio de Janeiro — RJ.

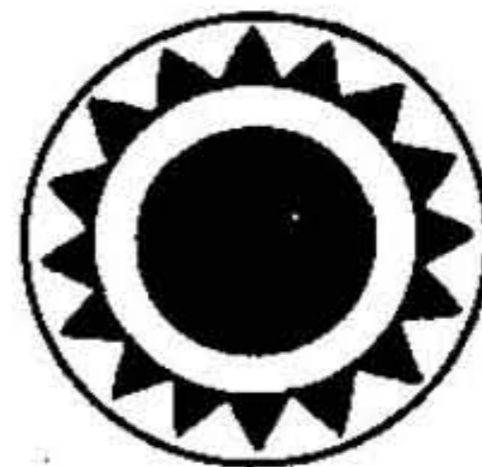
Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

Creio que Você pode descobrir, sem grande esforço, algo como um pássaro voando e pousando. Ao tentar materializar esta figuração mental, num traço imutável e dinâmico, pensei nisto: (1º) Uma andorinha não faz verão. 1980 é o ano da XII Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB cujo tema central é "Libertar para a COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO". Vencer a tentação do alheamento. Esta coisa estranha: o homem sozinho, a solução individual. Dar-se as mãos. Encontrar-se é, de uma vez só, fator de estabilidade e força de transformação. (2º) A Igreja Latino-Americana decidiu, mais uma vez, em Puebla, sua opção preferencial pelo pobre. A Campanha da Fraternidade da Igreja, no Brasil, ressalta, neste ano, a figura do Migrante. O pássaro é bem o símbolo do pobre e de quem não tem destino certo. Ora para frente, ora para o norte, ora para trás, ao sabor das correntes da sorte. (3º)

Esta palavra de esperança: "Ninguém tem morada definitiva no tempo" (Hbr 13, 14; Miq 2, 10). Todos andam em busca de horizonte mais alto. Sentimos a dor do incompleto. COMUNHÃO, PARTICIPAÇÃO, POBRE, um FUTURO fora do tempo, pontos de linhas medulares de interpretação da fenomenologia de nossa Vida Religiosa. CONVERGÊNCIA quer confirmar, em Você, a sensação de que não estamos parados. E estamos no rumo certo.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.



SUMÁRIO

EDITORIAL	385
CEM ANOS A SERVIÇO DE DEUS E DA IGREJA, Ir. Clari E. Corso, MSC	387
ORAÇÃO, RESPOSTA PESSOAL À PRESENÇA DE DEUS, J. Nigro, SJ	392
XVII REUNIÃO DA DIRETORIA DA CLAR.....	402
SANTA FRANCISCA XAVIER CABRINI Ir. Lúcia Victor Rodrigues, MSC	411
O MINISTÉRIO DA MULHER Ir. Ana Roy	415
O CRISTÃO E A LUTA PELA JUSTIÇA, Fr. Leonardo Boff, OFM ...	422
VIDA RELIGIOSA E PROFISSIONALIZAÇÃO Pe. Belmiro de Mello Filho, SVD Ir. Terezinha do Carmo Silva, P. de Gap	435

sê-lo, de fato, é imprescindível também uma inserção tal na realidade que o converta verdadeiramente em sinal que revela e desvela o mistério do Absoluto presente no coração da nossa história. **CONVERGÊNCIA** oferece este mês aos seus leitores uma série de reflexões nesta linha.

Uma entrevista com a **Ir. Clari Eva Corso, MSC**, Provincial das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, que celebram o primeiro centenário de fundação este ano, nos faz remontar até as origens carismáticas do Instituto e à intuição evangélica fundamental de Santa Francisca Xavier Cabrini. Já o artigo da **Ir. Lúcia Victor Rodrigues, MSC**, procura traçar o perfil espiritual de sua fundadora, pondo em evidência os rasgos mais característicos de sua personalidade. Irmã Lúcia mostra Madre Cabrini como a mulher totalmente polarizada pela atração do Absoluto e, com idêntica intensidade, devotada plenamente ao serviço de seus irmãos migrantes.

Dando continuidade à seqüência de artigos sobre a oração, o **Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ**, nos oferece a tradução do excelente trabalho de J. Nigro, SJ: "Oração, resposta pessoal à presença de Deus". Com extraordinária pedagogia espiritual e um estilo coloquial, o autor procura compartilhar com os leitores uma sua convicção de capital importância: a oração é sempre uma resposta pessoal à presença de Deus. Termina seu artigo com al-

gumas sugestões de ordem prática, que podem ser valiosa ajuda para crescer na vida de oração.

Ir. Ana Maria Roy focaliza o tema do Ministério da Mulher a partir da Bíblia. Fazendo uma apurada exegese de alguns textos bíblicos, chama a atenção para o que se poderia considerar o mais característico da vocação feminina na história da humanidade: "o ministério da mulher não pertence a uma função. Ele coincide com seu ser".

O artigo de **Frei Leonardo Boff, OFM**, analisa de forma acurada a fundamentação teológica do compromisso com a justiça, a partir da palavra oficial da Igreja nos últimos anos. Agora, depois da visita de João Paulo II ao Brasil, outros muitos textos poderiam ser, talvez, acrescentados àqueles aos quais o autor se refere, porque a insistência neste tema foi uma das tônicas da visita do Papa. Pela clareza das idéias e pelo alcance de seu conteúdo, o artigo apresenta especial interesse e atualidade.

CONVERGÊNCIA oferece ainda aos seus leitores o Relatório completo do III Seminário Nacional sobre a Vida Religiosa e a Profissionalização, acontecido em junho deste ano no Rio de Janeiro. E o texto íntegro do Plano Global da CLAR, elaborado durante a Reunião da Junta Diretiva, realizada em março, na Colômbia.

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

CEM ANOS A SERVIÇO DE DEUS E DA IGREJA

As irmãs do Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus (Irmãs Cabrini), fundadas por Santa Francisca Xavier Cabrini, estão comemorando o centenário de fundação. Conheça um pouco da história da Congregação, nestes primeiros cem anos, lendo esta entrevista da Madre Clari Eva Corso e o artigo à página 411.

Ir. Clari Eva Corso, MSC

Rio de Janeiro, RJ

C. 1980 comemora o CENTENÁRIO das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Apresente-nos a sua Congregação.

O Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus foi fundado por Santa Francisca Xavier Cabrini.

Maria Francisca, seu nome de batismo, foi a décima terceira filha de modestos agricultores. Nasceu a 15 de julho de 1850 em Santângelo, município de Lodi, a vinte milhas de Milão. Foi educada por sua irmã mais velha, Rosa, com uma disciplina rígida e austera. Estudou e completou sua educação com as Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus, da Beata Verzeri, delas assimilando uma espiritualidade luminosa, baseada no cultivo da fé, pela oração contínua. Professora ainda bastante jovem, se dedicou ao ensino

das crianças de Vidardo, povoado próximo de Santângelo. Enfrentou nessa ocasião às autoridades civis do povoado, continuando a dar às crianças, apesar da proibição, a instrução religiosa, enquanto administrava os ensinamentos das várias matérias. Já naquela época estava convicta da importância da formação religiosa na formação integral do homem.

Convidada pelo Vigário de Vidardo, dirigiu por alguns anos uma casa de educação para meninas, onde adquiriu muita experiência humana e onde cresceu a passos gigantes no caminho da virtude e do espírito de sacrifício.

Recusada, por causa de sua saúde precária, por duas Congregações religiosas — pelas Filhas do Sagrado Coração de Jesus, de seu antigo colégio, em Arluno, e pelas Irmãs Canossianas de Crema, atendeu à

sugestão do Bispo de Lodi, Dom Gelmini, que lhe disse: — “Tu queres ser missionária. Não conheço nenhum Instituto feminino deste gênero. Funda tu mesma, um”.

E Francisca, com a simplicidade que sempre lhe foi peculiar, respondeu: — “Procurarei uma casa”.

Assim, a 14 de novembro de 1880, em Codogno, num antigo convento franciscano, Maria Francisca, com sete companheiras, deu início à sua obra, chamando a sua nova família religiosa de — Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Sentiu então que o mundo se alargava para o seu ideal: ser mensageira do amor de Deus, em todos os lugares onde fosse necessário levar a palavra do Evangelho, e atender aos apelos da Igreja, que chama dos mais diversos pontos do mundo civilizado, como das mais distantes regiões de missão.

Foi assim, na humildade, na simplicidade, na mais extrema pobreza e na absoluta confiança na providência de Deus, que nasceu o Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus.

C. E como se desenvolveu a Congregação, sobretudo na América?

Na época, a Itália era florescente em vocação religiosa. A família cabriniana cresceu rápido. Às jovens de sua Congregação, ela não prescreveu orações e devoções extraordinárias. “A piedade é simples e sólida”; “o amor es manifesta por obras e não por palavras”; dizia a Mãre. E assim, crescendo em espí-

rito de serviço e disponibilidade, depois de sete anos, a Congregação já contava com sete fundações, espalhadas nas Dioceses de Lodi e de Milão. Madre Cabrini porém, não estava satisfeita. Ela pensava em Roma. — “É preciso apoiar o Instituto sobre a rocha de Pedro. É preciso dar-lhe um caráter universal.” E decidida, partiu.

Nesta sua primeira visita a Roma, Cabrini conseguiu, depois de muitas dificuldades, do Vigário Romano do Papa Leão XIII, o Cardeal Lucido Maria Parochi, a autorização para abrir duas casas em Roma: uma escola gratuita para os pobres e um Jardim de Infância.

Nessa mesma ocasião, Dom João Batista Scalabrini, Bispo de Placência, havia publicado um opúsculo muito forte sobre “a emigração italiana na América”, que tinha suscitado em toda a Itália, uma onda de comoção. Ele se achava em Roma, a fim de conseguir que uma instituição religiosa italiana empreendesse, o mais breve possível, uma tarefa muito mais escabrosa que hoje pode se supor, entre os italianos errantes pelo Novo Continente.

Quando falou com a Cabrini, o Bispo Scalabrini, arguto conhecedor das pessoas, teve a intuição exata de que aquela mulher pequenina e frágil, mas firme e decidida, seria a grande operária destinada por Deus para trabalhar na vinha abandonada, além do Atlântico. Pediu-lhe que mandasse algumas de suas missionárias a Nova Iorque. — “Também lá é terra de missão, acrescentou, e uma grande terra, imensa como um País”.

A princípio Dom Scalabrini se limitou a mantê-la informada da situação cada vez mais dramática, em que se debatiam aqueles milhares de italianos que em cada ano, caíam vítimas do “morticínio industrial” na metrópole americana. As cartas se sucediam, e cada uma delas vibrava naquele círculo que, com clareza cada vez maior, se apresentava por vários sinais, como o apelo amoroso, insistente e implacável da vontade de Deus.

A Cabrini deixou, no entanto, a decisão para o Vigário de Cristo, o Papa Leão XIII. Contando-lhe do seu ardente desejo de evangelizar a China, sonho acariciado desde a infância, falou-lhe também do convite de Dom Scalabrini. Quando a Cabrini acabou de falar, Leão XIII permaneceu em silêncio, como em oração. Depois alçou o olhar no olhar dela e levantou a mão, como a indicar longínquos horizontes de trabalho e de luta, e disse, definindo os destinos da Congregação: — “Não ao Oriente, mas ao Ocidente”.

Francisca compreendeu então que a sua China era a América. E para lá partiu com sete companheiras. Transcorria o ano de 1889.

C. Quais foram os primeiros passos de Madre Cabrini no Novo Mundo?

O grande drama da emigração alcançava a quota de duzentos mil emigrantes por ano. Mas essa quota anual logo subiu para trezentos, quatrocentos e até meio milhão de emigrantes italianos, que assediavam os portos, onde começava a dura busca de trabalho no País estrangeiro.

Eram milhares de operários, pedreiros, mineiros, engraxates, etc., vagando pelas ruas, ou se apinhando em sórdidas casas sem espaço, sem ar, sem iluminação. Os americanos os desprezavam, mas a América precisava de braços para construir a sua potência econômica e os italianos os venderam para as fadigas mais pesadas e até mortíferas, nos poços de petróleo, nas minas de ferro e de carvão, no desbravamento das terras incultas, nos trabalhos do couro, das conservas enlatadas, na construção dos portos e das estradas.

Com a carência de sacerdotes que lhes entendessem a língua, com a fadiga do trabalho exaustivo, esses imigrantes iam se esquecendo pouco a pouco da religião de sua infância. Seus filhos não tinham escolas, seus doentes não tinham hospitais.

E foi para os órfãos desses sofridos imigrantes que a Madre Cabrini abriu a sua primeira casa em Nova Iorque.

Daí em diante é preciso um mapa para acompanhá-la em suas viagens. Numa época em que mulher estava condicionada ao restrito âmbito da família, ela soube se libertar de muitos preconceitos sociais e atravessou o Atlântico vinte e quatro vezes, para, nos Estados Unidos, socorrer os imigrantes, acolher os órfãos, confortar os presos, assistir aos condenados à cadeira elétrica, promover os marginalizados, levando a todos uma palavra de esperança, num gesto de amor.

C. Madre Cabrini foi, então, o que Madre Teresa de Calcutá é hoje na Índia?

Realmente. O seu zelo apostólico não conhecia limites. Daí a pouco os Estados Unidos se tornaram pequenos para o seu dinamismo. Dirigiu-se à América Central, fundou colégios em Nicarágua e no Panamá. De lá, descendo pelo Pacífico, chegou ao Chile, atravessou os Andes no dorso de uma mula a seis mil metros de altitude, e atingiu a Argentina, onde instalou colégios e casas de missão paroquial.

C. E no Brasil? Como se desenvolveu a obra de Madre Cabrini?

Em 1903 Madre Cabrini enviou um grupo de Irmãs da Argentina para instalarem um colégio na Capital Paulista, e em 1908 ela própria abriu dois colégios no Rio de Janeiro, a pedido do Cardeal Arco-Verde, que admirando sua coragem e sua grande visão, afirmou: — “Madre Cabrini é um grande general!”.

Permaneceu quase um ano no Brasil consolidando as fundações e transmitindo às Irmãs seu ardente espírito missionário.

C. E hoje, qual é a expansão do trabalho do Instituto?

A obra de Madre Cabrini se estende a vários continentes: Na Europa: Itália, França, Inglaterra, Espanha, Suíça, Luxemburgo; na América: Estados Unidos, Canadá, Nicarágua, Guatemala, Argentina e Brasil. Também na África e na Austrália.

No Brasil há atualmente doze casas: colégios, creches, assistência social, apostolado paroquial, catequese e promoção humana, nos seguintes

Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia.

C. Você ainda não disse qual é o carisma de sua Congregação.

A obra dos Santos não termina quando Deus os chama, antes, é então que ela floresce. O carisma missionário de Santa Francisca Xavier Cabrini continua através de suas Irmãs esparsas nos vários continentes. O nome de Missionária do Sagrado Coração de Jesus é um programa de vida. A Missionária deve ser portadora do amor de Cristo ao mundo. Unir-se intimamente a Cristo é a temática constante de sua vida. Como Maria, está disponível para acolher a vontade do Pai, numa atitude que não é passividade, mas íntima e profunda preocupação em identificar-se com o Espírito que nela produz as mais profundas transformações. Alimentada pela Eucaristia, Pão de vida e de unidade, a Missionária recebe a força para viver comunitariamente a experiência do amor de Deus e do próximo, o que incentiva o autêntico espírito missionário, expresso e vivenciado nas mais diversas formas.

Madre Cabrini foi essencialmente uma eminente educadora, e procurou inculcar em suas Irmãs, a consciência de que só quem ama é capaz de educar; a salvação dos jovens está condicionada à formação cultural e social, baseada nos princípios cristãos.

As migrações oferecem hoje um esquema diverso do tempo de Madre Cabrini. Talvez mais preocupante, mais marcado por problemas sociais: a separação dos filhos, a desagrega-

ção da família, a vida infra humana no meio da riqueza e do bem-estar alheio. As Missionárias do Sagrado Coração de Jesus procuram minorar tantos males, dirigindo-se às regiões de migração, aos centros industriais, onde o homem se torna máquina, para lhe recordar que “nem só de pão vive o homem” — (Lc 4,4). Elas assistem, não só ao emigrado, mas a todos os que sofrem, a todos os que buscam melhores condições de vida. São ambulatórios, dispensários, creches, cursos de emergência para alfabetização, centros de pastoral e de catequese, para levar aos irmãos marginalizados, aos sofredores, a Palavra de Cristo que ilumina, que orienta, que conforta, para reivindicar o direito dos oprimidos e para libertar da escravidão do pecado.

C. E quando faleceu essa mulher forte que foi a Fundadora de sua Congregação?

Verdadeiramente ela foi a “mulher forte” que viveu intensamente a história de seu tempo e a modificou com seu dinamismo e, principalmente, com sua santidade.

Minada por incessantes fadigas e consumida pela chama do amor de Cristo, veio a falecer em Chicago aos sessenta e sete anos de idade, a 22 de dezembro de 1917.

Deixava sessenta e sete casas por ela fundadas nos dois hemisférios, com os únicos recursos que a Divina Providência ia espalhando em seus caminhos.

Pio XII a elevou à honra dos altares, canonizando-a em 1946, e em

1950 a proclamou: “Celeste Patrona dos Emigrantes”.

Sua vida, e, sobretudo sua obra tem suscitado muitas vocações religiosas aqui no Brasil. Hoje há diversas Irmãs brasileiras no exterior, umas completando sua formação religiosa ou cultural, outras colaborando nas mais diversas formas de apostolado.

C. Como a Congregação tem enfrentado o problema da falta de vocações religiosas?

Vocações sempre houve e sempre haverá. É verdade que atualmente, a falta de vocações é um problema universal e, todas as Congregações estão vivendo um momento de crise de vocações. Mas toda crise leva a um discernimento. O CHAMADO só vem de Deus, e Deus é fiel no seu amor. Continua atraindo ótimas jovens. A elas e a nós todas cabe o grato dever de segui-Lo dócilmente. É esta a nossa resposta de fidelidade, livre e responsável, resposta essa que deve ser renovada a cada instante de nossa vida.

C. Obrigado, Irmã, pela oportunidade que nos deu de conhecer a vida e a obra de Santa Francisca Xavier Cabrini, a quem homenageamos neste ANO CENTENÁRIO de sua Congregação.

Eu é que lhe agradeço. Permita finalizar citando as próprias palavras da Santa Fundadora: “Louvor, honra e glória ao Coração de Jesus, que quis formar o Instituto das Missionárias do Sagrado Coração, fazê-lo crescer e dilatá-lo nos dois hemisférios”.

ORAÇÃO, RESPOSTA PESSOAL À PRESENÇA DE DEUS

J. Nigro, SJ

Traduzido para CONVERGÊNCIA, pelo Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ., do original inglês de J. Nigro S.J. — Prayer, A Personal Response to God's Presence (publicação particular). Veja abaixo Nota do Tradutor.

Ouvimos falar com frequência em crise religiosa. Há crises de autoridade, de obediência, de vida comunitária, de identidade pessoal, de pobreza religiosa, etc. Estou convencido de que, na base de todas elas, há

uma **crise de fé**. Mas, nesta, não há qualquer esperança de progresso, enquanto cada pessoa, individualmente, não começa a responder melhor a Deus na **oração**. Se há uma crise pessoal de fé, sua raiz está numa **crise**

NOTA DO TRADUTOR

Há numerosos métodos de oração. Todos eles, porém, são relativos em dois sentidos. Primeiro, enquanto a oração é dom e iniciativa de Deus e tanto pode se ajudar de nosso modo de orar como dele prescindir. Segundo, porque todo método se proporciona à pessoa que o utiliza. O que é bom para um pode não o ser para outro. É fundamental, portanto, guardar nossa plena liberdade em relação a qualquer método de oração. Colocadas estas premissas, deixe-me dizer-lhe porque me dei ao trabalho de traduzir este artigo. Sinto urgentíssima a necessidade de verdadeira oração entre leigos, religiosos e sacerdotes. (Veja meu artigo anterior em CONVERGÊNCIA, maio/1980, páginas 218-224). Estou convencido de que a oração é dom e não resultado de esforço, nem muito menos exercício de conhecimento, exegese, leitura, etc. Reconhecendo o valor de todas as formas de oração — “lectio divina”, ofício divino, oração partilhada, oração em comunidade, oração litúrgica, na qual destaco sobretudo a oração eucarística, reconhecendo, numa palavra, todas as formas de oração vocal e mental — este artigo do P. Nigro ajudou-me a focalizar, de um modo simples e acessível a qualquer pessoa, estes pontos essenciais: 1. Que a oração é sobretudo resposta de cada um de nós à presença de Deus. 2. Que esta resposta precisa ser, antes de tudo, pessoal, individual, particular, ainda que, em outras oportunidades, seremos naturalmente chamados a dá-la também num contexto social, isto é, de pessoas, grupos ou comunidades. 3. O teor de nossa oração neste contexto social ou comunitário é diretamente proporcional à fidelidade e qualidade de nossa oração pessoal particular. Sei que este artigo fez um grande bem a muita gente. Leia-o, pois, e veja se lhe serve.

de oração. Ou não estamos rezando corretamente, ou paramos de rezar. Creio que isto vale para leigos como para religiosos.

A única mas importantíssima convicção que desejo partilhar com vocês aqui é a seguinte: **a oração é uma resposta pessoal à presença de Deus.** Vou tentar explicá-lo.

Ou você e eu somos mais importantes do que Deus ou Deus é mais importante do que nós. A resposta é óbvia, não? Ele é mais importante do que nós. Além disso, se o que Deus deseja e faz é mais relevante do que o que desejamos e fazemos nós, então nossa atenção devia concentrar-se mais no que Deus é e faz. De novo, o que Deus deseja dizer-nos a nós é mais significativo para nós do que qualquer coisa que nós tenhamos para dizer a Ele. E Deus, de fato, deseja falar-nos e comunicar-se conosco e a nós.

Quando a oração se torna demasiado centrada em si mesma ou sobre nós mesmos, ainda quando gravita em torno de desejos nobres e santos, quando o "EU" e o "meu" se faz o foco de nossa oração, certamente vamos ter problemas.

A Oração é uma resposta pessoal à presença de Deus. Isto significa que Deus é quem primeiro se faz presente a nós. A oração é nossa consciência e reconhecimento da presença de Deus. É antes ação de Deus do que nossa. São João nos recorda que o genuíno amor significa, antes de tudo, não que nós amamos a Deus (o que pode ser verdadeiro ou não), mas que Deus nos ama primeiro. Seu amor por nós é

mais importante do que nosso amor por Ele. Ele deseja, aprecia o nosso amor e é grato por ele. Mas, como seu amor por nós é mais relevante do que nosso amor por Ele, Seu amor merece mais nossa atenção.

Oração genuína

A meu ver, há três aspectos da autêntica oração que devemos ter presentes.

Primeiro, se a **oração é uma resposta pessoal à presença de Deus**, então, o início mesmo da oração é tornar-se **consciente** desta presença. É simplesmente reconhecê-la. Ser capaz de admití-la. "Sim, Deus, meu Pai, vós realmente amais a vida em mim. Sim, vós amais a vida e o ser das coisas que me circundam e de tudo aquilo que está ao alcance de meus sentidos. Vós amais os meus talentos e amais também estar comigo, etc." O foco é sobre Deus e sobre o que Ele faz.

Ajudará introduzir aqui uma distinção. Sabemos que os termos **meditação** e **oração** são usados distinta ou indistintamente por diferentes autores. Por **meditação** religiosa, entendo pensar sobre Deus ou sobre a ação de Deus ou qualquer outra coisa boa, santa, piedosa. Mas isto não é oração. Quando estou pensando sobre você, você está no foco de meus pensamentos. Mas isto não é **comunicação com você.** **Oração é uma comunicação de pessoa-a-pessoa com Deus.** Se estou pensando sobre Deus ou sobre a vida de Cristo e o que Ele fez, isto é santo, meritório, bom e proveitoso para a oração. Mas, essencialmente, não é oração.

Oração existe quando "Ele" se torna "Você" ou "Tu" ou "Vós". "Sim, Deus, meu Pai, amais a vida em mim". Quando digo a mim mesmo: "Deus ama a vida em mim", isto é meditação. Vê como estou usando as palavras? Quando há uma **relação VÓS-EU (TU-EU)** com o Pai, o Filho e o Espírito, chamo esta resposta de **genuína oração**. Se, porém, há uma consideração sobre o que Ele é e faz, mas não esta relação VÓS-EU (TU-EU), temos algo que pode ser bom, proveitoso e santo mas, essencialmente, não é oração.

Para mim, a base ou o primeiro passo da oração é despertar e dar-me conta da realidade; ter consciência de que Ele está presente em mim; de que Ele ama em mim a respiração e o ser, que são algo de sua própria vida divina; que Ele ama todas as minhas capacidades e, consciente disso, poder dizer: "Sim, Deus, meu Pai, Vós amais tudo isto em mim". "Sim, Jesus, meu Irmão, Vós o amais também. Sim, Deus meu Espírito, Vós o amais igualmente". Isto é orar. Se nos poucos minutos de que dispomos para a oração pessoal, não fazemos outra coisa senão tornar-nos conscientes do Deus que já se está fazendo presente em nós e a nós, esta experiência em si mesma é profunda oração. É oração frutuosa. É até mesmo o início de uma oração mística. É um genuíno abrir-se para Deus que se comunica a nós tão logo lhe oferecemos para tanto uma oportunidade.

Há uma diferença entre pessoas e coisas. Deus está presente nas coisas. Deus satura as coisas com sua

presença porque Ele ama a vida e ama estar nas coisas. Mas, seres não-pessoais, não têm consciência disto. Eles são, pois, incapazes de orar. Você e eu, no entanto, porque somos pessoas, podemos reconhecer esta presença. Este é o primeiro passo na oração.

O **segundo**, parece-me ser o que segue. Uma vez que nos damos conta de que Deus está presente em nós, do que Ele é para nós, do que Ele faz por nós e quanto Ele nos ama, a única resposta adequada, respeitosa, evidente e natural é não somente dizer: "Sim, Vós sois, amais e fazeis tudo isto"; mas também: "Obrigado, Senhor, Deus, meu Pai, porque amais a vida, porque sois e participais algo de Vós mesmo a mim. Obrigado Jesus, Deus Filho e meu Irmão. Obrigado Deus, Espírito Santo, por viver em mim". Gratidão é a consequência óbvia e espontânea desta consciência do que Deus é e do que Ele faz por nós.

Uma comparação pode ajudar-nos. Se uma pessoa é muito boa para mim e, desinteressadamente, ajuda-me do ponto de vista financeiro, mas eu não a conheço ou não sei que ela o faz, não tenho como responder à sua bondade e amor. Se, porém, fico sabendo que meu sustento vem dela, que graças a ela posso obter coisas que tornam melhor a minha vida, uma coisa será dizer pessoalmente e tão somente para mim mesmo: "Sim, ela me ajuda"; ou mesmo dizer, a ela: "Sim, você me ajuda"; outra, bem diferente, dizer-lhe: "Muito agradecido!" Você percebe o foco de minha resposta? É essencial para haver grati-

dão que haja a consciência de receber algo de outrem. Ninguém abre a porta de um quarto estranho e escuro, onde não se vê coisa alguma, e começa a falar lá para dentro, na hipótese de que lá possa haver alguém. Pelo contrário, ao falar, primeiro nos damos conta de que existe alguém, olhamos nos seus olhos. Ou, se falamos num microfone, asseguramo-nos de que haverá ouvintes esperando por nossa palavra. Ou ainda, se fitamos a câmara, sabemos estar diante de telespectadores. Se gravamos uma fita, alguém irá ouvi-la. Em suma, falamos e respondemos somente no contexto de uma presença pessoal. Há uma certa oração que é mais ou menos assim. Em nosso desejo bom e santo de comunicar-nos com Deus, procuramos, às vezes, atropelar, rechear nossa oração. Começamos logo a falar, fazer atos de fé, esperança e amor, de contrição e arrependimento. Pedimos cousas ou dizemos algo... Afinal, pensamos nós, não se pode estar aí sentado e não acontecer nada. Assim nós fazemos algo, dizemos algo. Isto é o que chamo atropelar, encher, rechear nossa oração. Se procedemos assim, antes mesmo de nos tornarmos realmente conscientes de que Deus está presente em nós, estamos como que abrindo a porta do tal quarto escuro e falando lá para dentro porque pode ser que haja alguém por lá, alguém, quem sabe, que possa estar ouvindo. É importante que nos demos tempo, em paz e tranqüilamente (ainda que tenhamos apenas alguns minutos para rezar), para, antes de tudo, fazer-nos a nós mesmos conscientes da presença de Deus, presença de amor,

criativa, presença que nos sustenta e nos diviniza. Porque **oração é resposta pessoal à presença de Deus.**

O primeiro passo, pois, é reconhecer a presença de Deus. O segundo, é agradecer a Ele. O **terceiro** é uma resposta de amor. Uma pessoa corresponde ao amor oferecido gratuitamente 'dizendo: "Eu te amo, **também**". Quando dizemos isto a Deus significa que nós antes nos tornamos conscientes de que Ele nos ama primeiro. Dizer: "Deus meu Pai, Cristo meu Irmão, Deus meu Espírito Santo, eu vos amo **também**", é nossa melhor resposta.

Quanto a pedir a Deus graças ou favores, espero que não tomemos isto por oração imperfeita. Quando pedimos bom tempo a Deus, quando rezamos para ficar livres de uma dor de cabeça, ou oramos para algo mais santo ou mais importante, como a justiça e a paz internacional, prestamos a Deus uma grande homenagem. Isto é bem uma expressão do "tornar-se como crianças", que Jesus recomendou e valorizou. Uma criança que vem pedir algo a seus pais está, de fato, prezando-os. O que está dizendo implicitamente a criança senão: "Vocês são bons. Vocês podem corresponder ao que desejo. Eu quero um doce".

Quando nos aproximamos de Deus com esta consciência de nossa dependência, absoluta e total, e daquilo que necessitamos, sabemos que somos preciosos e importantes, mas que, sem Ele, somos nada, porque tudo o que temos é amado por Deus em nós. Nesta tomada de

consciência, estamos reconhecendo profundamente quem Ele é e quem somos nós. Não foi o próprio Jesus quem disse: "Quando orardes, apresentai-vos a Deus e dizei: Abba (linguagem infantil hebraica para dizer Pai = "papai", "paizinho"), dai-nos hoje o nosso pão quotidiano, perdoai-nos as nossas ofensas, não nos deixeis cair em tentação, livrai-nos do mal". Reparem quanto pedido há no "Pai Nosso". É deste modo que Nosso Senhor nos ensina a rezar. Se a oração de pedido é feita corretamente, ela dirá: "Senhor, vós sois tudo. Criador, vós sois aquele que nos sustenta, nos diviniza e nos perdoa. Vós sois o Senhor misericordioso do universo, Deus providente. Eu vos pertencço totalmente". Ao pedirmos uma graça ou favor, é claro que subentendemos: "Seja feita a vossa vontade". Não estamos tentando subornar ou enganar a Deus para nos conceder algo, por estarmos em Sua presença. Não. Sem dúvida, estamos presumindo: "Seja feita a vossa vontade"... Mas, em todo o caso, desejaríamos muito ter um dia de sol amanhã, etc."

Voltemos a um ponto já mencionado: o que Deus realiza é mais importante do que o que nós fazemos. É Deus que deseja muito comunicar-se a Si mesmo conosco na oração. **Uma razão** para esta falta é uma iniciação deficiente à oração ou uma precária educação para ela.

Outra, é a falta de confiança e de fé em que Ele realmente deseja e vai de fato comunicar-se a Si mesmo pessoalmente e de modo singular a nós. Uma vez que paira em nós al-

guma dúvida sobre isso, empregamos a maior parte do tempo aflitando nós mesmos ou meditando ou, eventualmente, completamos o tempo com alguma leitura espiritual ou alguma outra coisa "proveitosa". Relutamos, porém, em esvaziar-nos de nós mesmos e abandonar-nos à sua presença e inspiração de modo que, no silêncio, Ele possa comunicar-se a Si mesmo a nós, como mais lhe aprouver.

Uma **terceira** razão, é que temos medo de falhar. Receamos tentar esta forma de oração e achar que ela não funciona para nós. Se removemos os obstáculos e damos a Deus uma oportunidade, vai dar certo sempre, pois Deus quer vivamente comunicar-se a Si mesmo a cada um de nós pessoalmente. Ele deseja fazer nossa oração cada vez mais mística. E esta palavra não deve ser entendida aqui como designando algo de perigoso, quietista, alienado ou extraordinário. Deus nos deseja místicos normais, naturais, sadios. Por místico, entendo o tipo de pessoa que se abre à presença de Deus, que permite a Deus ocupar plenamente o seu consciente com Sua presença pessoal.

Quanto mais avançamos em idade em nossa vida de oração, tanto mais devemos tornar-nos conscientes da presença de Deus, ser sensíveis e dóceis a ela, estar sintonizados com ela. Por quê? Porque toda **oração autêntica é uma resposta pessoal a esta presença.**

Nós desenvolvemos ou recebemos dois tipos de capacidades ou faculdades pelas quais atuamos, ou respondemos socialmente... Fale-

mos, primeiro, deste conjunto de hábitos que chamamos de virtudes.

São capacidades ativas. Tornamo-nos aptos a fazer cousas. Podemos aperfeiçoar estes hábitos por meio de nossos próprios atos. Eles são adquiridos através de nossa atividade. Em alguns casos, os inícios destes hábitos são infundidos em nós mas, certamente, podem ainda ser desenvolvidos e reforçados pelo exercício. Assim, tornam mais fácil nossa prática das virtudes. Elas estão no alcance de nossa capacidade operativa. São o que podemos fazer.

Mas há também capacidades ou faculdades que Deus ama em nós e que nos dispõem a ser receptivos. Uma estação de rádio não funciona apenas com o transmissor. Deve haver também o receptor. Ambas são importantes. Estas capacidades receptivas tornam-se ainda mais significativas em nossa vida de oração. Nós a chamamos de dons do Espírito Santo. Eles nos fazem conscientes da presença de Deus que se comunica. Tornamo-nos receptivos, sensíveis e dóceis a ela, sintonizados com ela e dispostos a corresponder-lhe. E Ele deseja que cada vez mais seja este o nosso modo de orar.

Todo o nosso crescimento na oração está radicado, pois, em nossa convicção de que Deus está presente em nós, de que esta presença é pessoal, providente e cheia de amor, impregnando-nos de um modo único. Mais ainda, de que Deus é e deseja ser sempre mais nosso Pai e, como todo bom pai, Deus quer falar e comunicar-se conosco.

Ele sempre tenta falar-nos através das experiências de nossa vida, como também por meio da Igreja, da Sua palavra viva na Sagrada Escritura, na Palavra Eterna, Jesus Cristo, em cujo Santo Espírito somos convidados a ser filhos e filhas. Deus, repito, deseja intensamente comunicar-se a si mesmo conosco e nos convida a ouvir e a receber. Mas isto Ele não nos vai impor.

Prática da oração

Bom, vamos passar agora a sugestões práticas. Disse acima que alguns dentre nós têm receio de dar a Deus uma oportunidade, porque temem que talvez não funcione. Mas se Lhe damos uma chance, funciona. Isto é garantido. Na prática, que podemos fazer para possibilitar a Deus comunicar-se a si mesmo a nós de modo mais livre e pleno?

Experimente ser fiel e ter pelo menos 15 ou 30 minutos diários para estar sozinho(a) com Deus. Tente criar espaço para isto no seu horário regular de cada dia. Deus deseja tempo para estar a sós com cada um de nós e comunicar-se conosco. E o que Deus deseja de nós, Ele merece. Tome nota de cinco lembretes.

1) **Texto da Sagrada Escritura** (escolha um). Antes de começar seu período de oração, escolha uma breve passagem bíblica, cinco a dez versículos. Isto é muito importante. Nussa o omite antes de sua oração. Pode fazê-lo na noite anterior ou alguns minutos antes de começar a rezar. Escolha uma passagem que você deseja ler e escutar de

modo especial, gostar, saborear e reviver. Pode ser um salmo favorito ou uma parábola, o relato de um milagre ou algum trecho de um dos sermões de Jesus. Em todo o caso, convém que o texto escolhido seja apropriado à sua presente disposição e necessidade. Coloque algo para marcar a página e tê-la preparada. Você talvez volte ou, quem sabe, não volte a ela, antes de terminar seu período de oração.

2) **Lugar.** Procure um lugar particular onde você possa estar a sós com Deus. Isto é importante. Muitas vezes é bom estar na presença do Santíssimo Sacramento. Mas, se há gente na capela e você gostaria de estender seus braços, de olhar para o alto e deixar cair para trás sua cabeça, ou, digamos, suspirar, queixar-se, chorar, dançar, cantar, você não vai poder fazê-lo. Mas, certamente o pode estando a sós. E você deveria sentir-se bastante livre para fazê-lo. Do contrário, estaria se inibindo a si mesmo(a). Ora, você não pode se inibir quando responde à presença de Deus. Portanto, busque um lugar tranqüilo, para estar a sós com Deus e poder falar-lhe sem inibições. Um lugar onde você possa responder à presença de Deus sem atrair a atenção de outros.

3) **Postura.** No início de sua oração particular, dê-se tempo para se colocar tranqüilamente. Você não reza como um anjo ou como um espírito desencarnado. Você reza como um homem ou como uma mulher. Homens e mulheres têm corpo e a postura corporal é importante na oração. Você reza melhor ajoelhado? Ajoelhe-se. Ou é senta-

do(a) que se acha mais receptivo(a), mais aberto(a) à presença de Deus? Pois sente-se.

Experimente várias posições até encontrar aquela que mais conduz à sua resposta à presença de Deus. Isto pode inclusive variar de dia para dia e até mesmo dentro de um mesmo período de oração. Tente, por exemplo, estender-se na cama ou sentar-se numa cadeira ou poltrona com os pés apoiados sobre uma banquetta e os seus braços descansando sobre os braços da cadeira. Coloque suas mãos sobre o colo, mantendo as palmas voltadas para cima. Ou sente-se numa cadeira dura e coloque no colo as suas mãos, com as palmas para cima ou para baixo, sua cabeça para traz e todo o gueixo bem relaxado. Ou fique de pé, apoiando-se talvez em alguma coisa, e deixe sua cabeça inclinar-se para traz confortavelmente. Ou, ainda, sente-se diante de uma mesa ou escrivaninha e descanse sobre ela os seus braços. Ou ajoelhe-se com os braços apoiados sobre um suporte ou estendidos, etc. etc. Diferentes posturas proporcionam-se a diferentes necessidades e/ou posições de alma.

4) **Presença de Deus.** Responda à presença de Deus. Com toda paz, relembre a si mesmo(a) como Ele está presente em você. Sinta, p.x. o tecido de sua roupa ou a mesa na sua frente e diga a Deus: "Vós amais o sentir em mim e o tecido em minha roupa. Vós amais a vista em mim e a cor nestes objetos. Vós amais o ouvir em mim e o som nas cousas. Vós amais a vida em mim.

Vós estais em mim. Obrigado, Senhor, por viverdes em mim, por amardes a bondade em mim e me terdes como filho(a)". Isto toma certo tempo, mas deve ser sempre feito e nunca às corridas. Não se deve apressar esta parte da oração, mesmo que viesse a consumir todo o tempo. Diga, por exemplo: "Obrigado, Senhor. Eu vos amo também". Nestes momentos, a comunicação especial de Deus pode vir, com uma profunda experiência pessoal de sua divina presença. Às vezes, Ele faz sua presença ser como que experimentada por nós. Quando isto acontece, deixe que continue. Deixe que esta experiência tome conta de você ou mesmo o(a) leve sem rumo, exatamente como a água leva um objeto que flutua. Permaneça aí, nesta experiência, até que ela se dissipe. Não vá adiante, nem mude ou acelere seus sentimentos. Não responda com muitas palavras ou expressões desnecessárias. Nós tendemos a atropelar nossa oração com muitas palavras. Talvez baste simplesmente repetir: "Meu Senhor e meu Deus"; "Abba, Pai". Se esta experiência pouco a pouco desaparece, continue a ruminar aquilo que lhe recorda Sua divina presença.

5) **Texto da Escritura** (retorne a ele e ouça-o). Talvez não haja tempo para ler a passagem da Escritura que você escolheu. Se assim for, muito bem. Mas quando você tenta responder à presença de Deus de um modo que seja a um tempo cheio de gratidão, de amor e adoração e parece que nada acontece, não perca o ânimo. Igualmente, se você experimenta desolação ou ari-

dez em sua oração, não tome isto como sinal de fracasso. Antes, a secura pode ser um convite de Deus a que você passe a ouvi-Lo agora, quando Ele lhe quer falar na Sagrada Escritura estando você em oração. Procure ter sempre à mão a Escritura. Nunca sem ela. Quando, depois de tentar responder à presença de Deus com paciência e paz, parece que nada ocorre, quando você sente que Ele não se está comunicando a si mesmo, tome então a passagem que escolheu na Escritura. Dê assim a Deus uma outra oportunidade de se comunicar a você. Ouça, enquanto Ele fala. A Escritura é a palavra viva do Deus vivo. É palavra que vive agora, porque Deus também vive e não mudou de idéia em relação ao que disse através dos autores inspirados. É mais importante ouvir a Deus deste modo do que falar você mesmo(a).

Bem devagar e com atenção sussurre ou leia a meia voz (não em silêncio) as palavras de Deus. Faça pausa entre as frases, de modo que o eco e o sentido das palavras possa calar em você lentamente, como chuva branda em sequiosa terra. Talvez você queira repetir uma palavra ou frase. Ao terminar a leitura do trecho escolhido, volte atrás e repita calmamente o que deseja, assim como se retoma o refrão ou estribilho de uma canção.

Por que sussurrar ou pronunciar a meia voz as palavras da Escritura? Porque isto fixa melhor e mais plenamente nossa atenção. Envolvendo olhos, ouvidos e voz. Não raro, quando leio algo em silêncio,

meus olhos focalizam as palavras, mas minha atenção e imaginação vagueiam à distância.

Rezar com a Escritura deste modo é uma experiência de ouvir a Deus. Não tente fazer aplicações. Não busque sentidos profundos, implicações, conclusões ou resoluções. Isto, em geral, enche, atropela nossa oração. Conte-se em simplesmente ouvir com o coração aberto, como uma criança ouve uma história no colo de seu pai.

Quando terminar o tempo disponível, agradeça a Deus por lhe ter falado. Tenha certeza de que o Pai, o Filho e o Espírito continuam vivendo em você quando você sai para levar adiante a seqüência de seu dia.

Dimensão “mística” da oração

São estas as minhas sugestões para permitir que Deus possa comunicar-se a si próprio a nós. Mesmo se vivemos longos anos em tentativas de oração marcadas por boa dose de distrações, tibieza e desânimo, nunca é tarde demais — ainda que andemos pelos cem anos de idade. Tente. Experimente e veja por você mesmo(a). Prometo-lhe que, dentro de muito breve tempo, Deus fará de você um(a) real místico(a), se você lhe der esta oportunidade e permanecer fiel a ela. Por místico(a) estou entendendo aqui uma pessoa muito normal, sadia, ordinária, alguém enriquecido(a) com a graça mística desse tipo de oração que Deus vivamente deseja comunicar-nos.

Talvez seja bom esclarecer ainda um pouco a palavra “mística”. Por “mística” entendo toda sorte de **união consciente de Deus com pessoas humanas, união que seja iniciada e sustentada por Deus.** É uma experiência que nós não podemos fazer, conquistar por nós mesmos. Tampouco somos por ela responsáveis. Você não pode nem comecá-la, nem mantê-la por você mesmo. Algumas vezes, Deus se nos torna muito presente, ainda que não ponhamos grande esforço na oração. Ele nos plenifica com sua consolação. É uma experiência maravilhosa. Sentimo-nos pessoas que amam e que são amadas. No dia seguinte, talvez, aplicando-nos mais do que antes, nada acontece. Nosso coração parece cheio de cinzas. Não temos gosto na oração, mesmo tendo sede dela. Deus parece estar a quilômetros de distância. Pode ser que não haja falha alguma de nossa parte. Mas é Deus quem nos está educando. Ele nos está ensinando que não podemos realizar, adquirir, merecer ou forçar por nós mesmos este tipo de experiência. Ela nos é dada gratuitamente: uma experiência mística.

Há várias palavras para descrevê-la: consolação, paz, alegria, um sentimento de mais fé e esperança, de estar sendo amados ou de estarmos amando mais. O início é dado por Deus. Ele deseja ardentemente comunicar-se deste modo. Então, por que Ele não o faz com mais freqüência se é tão grande o seu desejo? Uma razão é que Deus não pode endossar ou recompensar erro ou falsidade. Antes que Ele possa

consolar-nos ou comunicar-se a si mesmo conosco, temos de remover os obstáculos e tornar-lhe possível introduzir-se em nossas vidas. Ele não vai impor-nos sua amizade. Um dos requisitos é estarmos convencidos, não só intelectualmente, mas no mais profundo de nós mesmos, de que não podemos por nós mesmos produzir, conquistar, merecer ou conseguir esta experiência. É um dom total e gratuito. Podemos dispor-nos para recebê-la. Podemos preparar-nos para ela e ser profundamente gratos por ela. Quando ela vem, diremos com humildade: "Por que a mim? Não o mereço. Mas quanto sou agradecido!" Isto é experiência mística. E não é algo na linha de êxtases, como talvez possa parecer. Na maioria dos casos, é tudo muito tranquilo, pacífico. É uma simples certeza interior de que Deus está comigo e de que sou amado(a) por Ele. Na verdade, é algo que simplesmente não pode ser definido.

Misticismo, por excelência, é a Encarnação, esta união do Humano e do Divino, iniciada pelo Divino, em Jesus, Homem-Deus. Qualquer outro misticismo não é senão participação, em maior ou menor grau, nesta realidade da Encarnação. É como tomar parte nela. E é isto o que Deus deseja. Ele se fez homem para partilhar conosco Sua Divindade.

O tipo de graça e oração que Deus está lhe oferecendo e quer muito lhe dar corresponde ao tipo de pessoa que Ele deseja que você venha a ser. Ele quer capacitar você a ser uma pessoa profunden-

te orante, um(a) genuíno(a) contemplativo(a) durante todo o seu dia, não menos no trabalho ou no sofrimento do que durante o Ofício Divino, o Sacrifício Eucarístico ou a oração comunitária e partilhada com outros. A oração particular, individual, é essencial para isto. Meu esforço na oração pessoal não consegue por si esta graça. Em outras palavras, se dedico tempo a ela, nem por isso esta graça vai ser automaticamente garantida. Não é como se colocássemos um tanto de esforço humano para receber em troca um outro tanto de experiência mística. Devemos, no entanto, dedicar tempo cada dia à oração individual, com toda fidelidade. Deus nos dará em troca a capacidade de encontrá-Lo em todas as coisas. Isto torna melhor nossa oração litúrgica e comunitária. Faz nosso trabalho e relacionamento social ser mais experiência de Deus. Por outro lado, nosso trabalho, que é uma experiência com Deus, alimenta em nós o desejo de uma união orante com Deus. Torna-nos possível rezar melhor quando dispomos de 10, 15 ou 30 minutos para passar a sós com Ele em oração. Assim, trabalho e oração se nutrem e se realimentam um ao outro.

Todos nós podemos rezar desta maneira. Deus deseja que sejamos pessoas de oração e quer vivamente fazer-nos tais. Se lhe respondermos, cada um de nós vai se tornar orante de um modo totalmente único. Porque cada um de nós é único. Nossa resposta é igualmente única. E o amor de Deus e sua presença a nós é também única.

XVII REUNIÃO DA DIRETORIA DA CLAR

Realizou-se em Bogotá, de 9 a 19 de março de 1980, a XVII reunião da "Junta Directiva" da CLAR, que estudou e aprovou o plano global de ação para os próximos anos. Transcrevemos, na íntegra, o texto do referido documento.

IRMÃS E IRMÃOS RELIGIOSOS DA AMÉRICA LATINA

Reunimo-nos em Bogotá, de 9 a 19 de março, os membros da "Junta Directiva" da CLAR, a Confederação Latino-americana de Religiosos. Esta "Junta" a formamos os Presidentes e Vice-presidentes das Conferências Nacionais de Religiosos, junto com a Presidência da CLAR. Nossa reunião esteve inspirada pelas orientações de Puebla e de nossa última Assembléia Geral de Santo Domingo (1979), onde celebramos os 20 anos de existência da CLAR.

Nossa reunião esteve marcada por um sincero espírito de comunhão e corresponsabilidade. Reafirmamos nossa fraternidade na presente conjuntura da América Latina para melhor responder ao projeto do Pai em nossa História, a construção do Reino. Nossa reunião teve, além disso, um clima gozoso de oração e reflexão, que permitiu aprofundar nossa solidariedade no seio da Igreja.

Fruto desta reunião, e expressão deste espírito, é o Plano Global que lhes entregamos. Nele se recolhem inquietudes e vivências, realizações e projetos, longamente amadurecidos com a ajuda do Espírito. Nós o entregamos com esperança e alegria, com amor e atitude de serviço, desejosos de que contribua para criar uma maior comunhão de esforços entre todas as Conferências Nacionais e todas as nossas comunidades religiosas da América Latina, conscientes de que a CLAR somos todos.

É grande o desafio, mas é maior nossa confiança na graça do Senhor e na proteção de Maria, nossa Mãe. Muito fraternalmente,

Maria Josefina Cordero, fmm, Argentina; Murielle Dube, mic, Bolívia; Agustin Otero, oa, Colômbia; Enrique Montero Umaña, ofm Con., Costa Rica; Manuel Valarezo, ofm, Ecuador; Juan de Dios Antolinez, sj, Guatemala; Rosa Marina Murillo, mi, Honduras; Margarita Zavala Aviles, ra, Nicarágua; José Luís Fernandez C., Peru; Dario Taveras,

msc, Rep. Dominicana; Ernesto Fedon Arteaga, fsc, Venezuela; Mateo Perdia, cp, Presidente da CLAR; Maria Juana Vanegas, ocj, Vice-presidente da CLAR; Avelino Fernandez, fsc, Secretário Geral da CLAR; José Maria Arnaiz, sm, Argentina; Décio Batista Teixeira, sdb, Brasil; Marian Ureña Mora, rbp, Costa Rica; Ana Perpetua Justiniano, op, Chile; Isidro Perez, sj, El Salvador;

Jacques Mesidor, sdb, Haiti; Francisco Quijano Leon, op, México; Fernando Sola, op, Panamá; Carmen Maria Morell, rac, Puerto Rico; Ignacio Del Pozo, fms, Uruguai; Luz Elena Gonzalez, rop, Venezuela; Julio C. Navarro Roman, aa, Vice-presidente da CLAR; Raul Echeverri Mejia, fms, Vice-presidente da CLAR; Hermengarda A. Martins, rscj, Secretária Adjunta da CLAR.

PLANO GLOBAL

I. A CLAR

1. Entre 10 e 16 de novembro de 1958 celebrou-se em Roma a primeira Assembléia dos representantes das Conferências Nacionais de Religiosos da América Latina. Nesta importante reunião, decidiu-se fundar a Confederação Latino-americana de Religiosos e elaboraram-se os primeiros estatutos.

2. A 2 de março de 1959, por Decreto da Sagrada Congregação de Religiosos, erigiu-se canonicamente a CLAR e aprovaram-se seus Estatutos. Segundo estes, a CLAR é "uma união permanente com categoria de pessoa moral colegial à norma do Decreto Canônico. É uma união de direito pontifício, dependente da Sagrada Congregação de Religiosos".

3. A CLAR realizou sete Assembléias Gerais: Lima (1960), Rio de Janeiro (1963), México (1966), Santiago do Chile (1969), Medellín (1973), Caracas (1976) e Santo Domingo (1979).

4. De acordo com os "Critérios para as relações dos Bispos e religiosos na Igreja" (14 de maio de 1978, nº 66), referindo-se à coordenação a nível continental ou subcontinental, a CLAR coordena as Conferências Nacionais de Religiosos da América Latina e as representa legitimamente.

5. A CLAR quer ser um órgão e canal de Comunhão entre as Conferências Nacionais. Procura interpretar as aspirações e necessidades que se manifestam em diversas partes para servir a Vida Religiosa, estimulando e acompanhando seu processo de renovação e de encarnação. Sua ação se fundamenta, não no exercício de uma autoridade institucional (jurídica), mas na vontade de comunhão das Conferências Nacionais como expressão de serviço comum aos religiosos do continente.

6. Como resposta aos chamados de Deus dentro da história da América Latina, a CLAR é uma expressão concreta da comunhão continental, dos que querem adiantar a construção do Reino.

II. Linhas de orientação

7. Entendemos a Vida Religiosa à qual queremos servir a partir da CLAR como: uma forma peculiar de seguimento de Jesus, que, através de uma CONSAGRAÇÃO, propõe-se a radicalizar a experiência de Deus, vivendo em COMUNIDADE FRATERNA, para a MISSÃO, na realidade de cada um de nossos povos, com uma opção preferencial pelos pobres, na Igreja, e segundo o carisma fundacional.

8. A consagração religiosa é um dom que o Espírito concede sem cessar à Igreja (Puebla, 739) e, por conseguinte, uma realidade dinâmica que exige atitude permanente de busca da vontade do Pai e esforço constante de fidelidade ao Espírito. O discernimento pessoal e comunitário no qual se concretiza o seguimento de Jesus se fundamenta:

No Evangelho, na Vida e Magistério da Igreja, no carisma e história de cada família religiosa, na realidade e necessidade do povo. Por isso, o seguimento de Jesus expressa-se de múltiplas formas e está em processo contínuo de adaptação e de renovação.

9. A vida religiosa, como toda comunidade chamada para se integrar na História da Salvação, constitui uma forma específica de crescer na vida cristã, e está chamada para viver — em espírito de comunhão e participação com todos os membros do Povo de Deus e sob a condução dos Pastores —, a missão própria da Igreja.

10. A missão dos religiosos na Igreja, comunidade de crentes, exige que: signifiquem e realizem de maneira singular a comunhão com Deus e com os irmãos; propiciem a construção do Reino, com sua vida e seu serviço; se mantenham em atitude de escuta e de resposta que ajude toda a Igreja a ser sinal inteligível do dinamismo da caridade na renovada fidelidade à sua Missão; pronunciem sua própria palavra especialmente neste momento de mudanças profundas no mundo e também na Igreja.

11. Na história da América Latina, a missão profética da Igreja pede aos religiosos testemunhar, ou seja, anunciar e começar a viver desde agora um futuro que plenifica o horizonte das aspirações mais legítimas do homem, ancoradas no projeto de Deus. Exige também descobrir e denunciar tudo que se oponha aos valores do Reino, situando-se assim na vanguarda da História para ser testemunhos vivos da esperança.

12. As comunidades religiosas, que se encontram não poucas vezes na vanguarda da missão enfrentando os maiores riscos para sua santidade e sua própria vida (Evangelii Nuntiandi, 69), comprometem-se na Igreja com uma pastoral ágil e flexível ao serviço da comunidade cristã. Para esta pastoral, diretamente evangelizadora e criadora de comunidade, oferecem aos pastores sua ativa e responsável colaboração, de acordo com seu próprio carisma.

III. Objetivo geral da CLAR

13. A CLAR se propõe a trabalhar pela comunhão e o compromisso dos religiosos na evangelização da América Latina, de acordo com as orientações da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Puebla), assumida pela VIII Assembléia Geral da CLAR (Santo Domingo).

14. Estes dois eventos, realizados a pouca distância entre os meses de fevereiro e março de 1979, coincidem nos enfoques fundamentais que enquadram a vida religiosa na América Latina e oferecem os elementos para os seguintes objetivos particulares.

IV. Objetivos particulares

A. Experiência Cristã de Deus

15. A experiência cristã de Deus está presente no fundo de todos os demais aspectos da vida religiosa e constitui o coração da vida consagrada. Para isto a CLAR compromete-se a favorecer os seguintes meios:

16. Procurar que a vida religiosa na América Latina chegue a ser um processo para sua maturidade humana na experiência de Deus.

17. Vigorizar na sociedade que nos toque viver a vida de fé e o seguimento de Jesus, entendidos como o compromisso com o Senhor, que faz sua manifestação na história dos homens. De maneira que a oração chegue a se converter em atitude de vida e a vivência da realidade em

uma exigência de espaços de oração (Puebla, 727).

18. Aprofundar o sentido escatológico da vida dos religiosos: como memorial de Cristo Ressuscitado, como proclamação do Reino já presente na história e em cada um de nós, e anúncio de sua plenitude futura, como celebração agradecida dos dons de Deus.

19. Avaliar as iniciativas próprias dos Institutos em seu processo de renovação, promover a fidelidade ao próprio carisma fundacional e ajudar a traduzi-lo no mundo de hoje, segundo a espiritualidade da própria congregação.

20. Reforçar as iniciativas que procuram explicitar as formas de espiritualidade que surgem hoje na América Latina como fruto do seguimento de Jesus em contato com o povo, sua religiosidade, seu potencial evangelizador e sua maneira peculiar de fazer a síntese entre a vida e a fé. Tudo isto, reelaborado e articulado no seio da vida religiosa, é devolvido ao povo para enriquecer essa mesma religiosidade.

21. Motivar os religiosos para que encarem com audácia a revisão de seu estilo de vida e maneira de proceder, promovendo para isto a formação do espírito crítico que permita identificar os valores evangélicos.

22. Avaliar e promover o carisma da vida contemplativa como expressão do Absoluto e da gratuidade de Deus; procurar um enriquecimento mútuo entre esta e outras formas de vida religiosa que favoreça a neces-

sária integração entre contemplação e ação, sobretudo num mundo de ativismo e eficácia pragmática.

23. Ter Maria, Mãe da Igreja e parte essencial da identidade religiosa latino-americana, como ponto de referência permanente em todo o processo de nossa consagração renovadora, assim como em nossas aspirações pela liberação integral do povo.

B. Vida comunitária

24. A CLAR quer trabalhar por uma vida religiosa mais fraterna e de maior comunhão desde uma permanente conversão pessoal e comunitária. E para isso, também quer propor-se diversas e complementares ações.

25. Contribuir para o desenvolvimento de uma vida religiosa que descubra a partir da fé estilos de fraternidade, expressos na confiança mútua, no apoio efetivo do grupo, a responsabilidade de uns pelos outros e o assumir em comum um mesmo ideal a serviço de todos os homens.

26. Respeitar o justo pluralismo de enfoques e caminhos, proveniente da diversificada proveniência e formação dos membros de nossas comunidades, dentro do marco referencial que nos marcam o Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla, assim como a tradição destes 20 anos da CLAR na América Latina.

27. Favorecer a busca de linhas de coincidência como vínculo de união, conscientes de que a fraternidade se aprofunda a partir da missão evangelizadora, que supõe a ex-

periência de escolha, envio e realização do plano de Deus dentro da Igreja.

28. Oferecer todos os serviços que puder para dinamizar comunidades que sejam sinal e fermento efetivo de reconciliação e comunhão com todos os homens, neste mundo tão dividido e conflitivo.

29. Neste sentido, estimulará e ajudará as Conferências Nacionais a assumir sua responsabilidade, no interior do Povo de Deus, de descobrir e assinalar onde se manifesta a presença do Espírito de Jesus e "onde opera o Mistério de iniquidade, mediante fatos e estruturas que impedem uma participação mais fraterna na construção da sociedade e no gozo dos bens que Deus criou para todos" (Puebla 267).

30. Um objetivo específico neste sentido deveria ser a procura de caminhos para a inserção fecunda de comunidades religiosas nas comunidades eclesiais de base, que constituem uma riqueza peculiar da Igreja da América Latina.

31. Animar as comunidades religiosas que estão comprometidas dentro de instituições como: colégios, hospitais, paróquias urbanas, etc., a buscar e encontrar comunitariamente uma nova funcionalidade libertadora que seja adequada às opções básicas assumidas pela Igreja da América Latina, e apoiá-las nas contradições que têm de enfrentar.

32. Enfim, propiciar vínculos de fraternidade, também a nível congregacional, intercongregacional, latino-americano-intercontinental.

C. Opção Preferencial pelos Pobres

33. Em terceiro lugar, a CLAR quer promover uma vida religiosa mais comprometida na opção preferencial pelos pobres, em nossa realidade latino-americana. E para isto quer propiciar as seguintes ações:

34. Tomar consciência de que nossa vida religiosa, em seus diferentes estilos, atuações e palavras, deve responder com real austeridade e disponibilidade à situação de um continente onde vive uma maioria empobrecida.

35. Tendo em conta que a vida religiosa deve integrar a história e a cultura da América Latina, captar, animar e apoiar as novas formas de vida religiosa que o Espírito Santo está suscitando na Igreja de nosso continente; e, ao mesmo tempo, fomentar preferencialmente os valores autóctones, apoiar as comunidades nativas e prestar maior atenção às vocações que surgem de meios populares.

36. Estimular, enfim, uma vida religiosa que, em sua missão evangelizadora, pratique evangelicamente a pobreza, trabalhe a favor da justiça e acompanhe criticamente, como fermento evangélico, nosso povo em seu processo de libertação.

37. A CLAR auxiliará e acompanhará as Conferências Nacionais para que dêem voz de estímulo permanente às comunidades que se comprometem evangelicamente com as lutas de nossos povos para alcançar a justiça.

38. A CLAR promoverá meios que ajudem os religiosos a conse-

guir uma melhor capacidade crítica e uma formação teológica, sócio-política e cultural que responda às necessidades de nosso povo.

39. A CLAR procurará descobrir o potencial evangelizador dos pobres para assumi-lo em nossa vida religiosa.

D. Inserção na Igreja local

40. Por último, é importante desenvolver uma vida religiosa mais inserida na realidade eclesial, propiciando uma visão universal e profunda da Igreja e de nossa missão dentro dela, que nos leve a vivê-la cada vez melhor. Por isto a CLAR se empenhará nas diversas ações que estão assinaladas a seguir.

41. Aprofundar a visão eclesial e comunitária, de maneira que se compreendam harmonicamente as funções de leigos, religiosos, sacerdotes e bispos, na vida do povo de Deus.

42. Melhorar e intensificar as relações mútuas em todos os níveis e tarefas da Igreja particular, fazendo-as cada vez mais evangélicas e realistas.

43. Incrementar o processo de interiorização do Magistério da Igreja e de adesão ao mesmo.

44. Conseguir que os religiosos colaborem, com criatividade e fidelidade, na busca de novos marcos de ação pastoral, nos quais a vida religiosa e os carismas específicos tenham seu lugar adequado.

V. Prioridades de ação da CLAR

45. Para conseguir seus objetivos particulares nas especificações anteriormente assinaladas, a CLAR conta com diferentes possibilidades de ação entre as quais se selecionam prioritariamente as seguintes.

A. As que se relacionam com as Conferências Nacionais de Religiosos

46. Ajudar a animação das Conferências e as boas relações delas entre si, dinamizando a vida das Regiões.

47. A solidariedade da CLAR viver-se-á de maneira preferencial em relação às Conferências Nacionais mais necessitadas sob qualquer ponto de vista.

48. Fomentar as boas e freqüentes relações pessoais com as direti-vas dessas mesmas Conferências.

49. Fazer-se presente em suas Assembléias Nacionais, sempre que a CLAR seja convidada e entre em suas possibilidades econômicas e de pessoal.

50. Ajudar a preparação de pessoal especializado, capaz de prestar serviço às próprias Conferências Nacionais.

51. Finalmente, em momentos difíceis, a CLAR prestará seu apoio às Conferências Nacionais e grupos religiosos procurando uma informação verídica, a nível de Continente, da situação e fatos que se dão como conseqüência da opção e o compromisso pela justiça.

B. Com relação a agentes dinamizadores da vida religiosa

52. As possibilidades que a CLAR tem de atuar em um nível latino-americano favorecem a intercomunicação de experiências na renovação da vida religiosa, com o conseqüente enriquecimento e o desenvolvimento do espírito crítico e de discernimento.

53. Neste sentido, a CLAR oferecerá atividades que tendem à atualização do pessoal responsável da formação para a vida religiosa; esta é uma de suas tarefas prioritárias.

54. Aprofundando no anterior: ajudar-se-á na procura de novos caminhos para o processo formativo; procurar-se-ão reuniões de reflexão e avaliação das experiências que se estão realizando neste terreno; fomentar-se-á a publicação de material apropriado para a formação religiosa, facilitando o caminho para se iniciar reflexivamente nas tendências atuais da vida religiosa na América Latina, com um sério conhecimento da teologia da vida religiosa.

55. Será importante, também, a comunicação entre Superiores Maiores e Animadores de Comunidades, que permita a avaliação de suas formas de atuar e a busca de caminhos mais apropriados para a animação da vida religiosa.

56. Os seminários da CLAR ajudarão nessas tarefas todas, assim como outros tipos de encontros e cursilhos de acordo sempre com as Conferências Nacionais.

C. Com relação à animação da reflexão

57. Os objetivos das Conferências Nacionais e da CLAR exigem uma contínua e sempre mais profunda reflexão, a fim de tornar mais lúcida e sincera tanto a renovação quanto a inserção da vida religiosa na América Latina.

58. Com este objetivo, estimular-se-á a criação de equipes de reflexão teológica e espiritual ao serviço das Conferências, onde ainda não existam. E favorecer-se-á o intercâmbio destas equipes, tanto a nível regional quanto continental.

59. Motivar-se-á, seguir-se-á de perto e divulgar-se-ão as experiências novas de vida religiosa, oportunamente iluminadas por uma reflexão teológica adequada sobre as mesmas.

60. Serão estudados temas de particular importância e atualidade, com a maior consulta e participação possível das bases, especialmente aqueles problemas que são concernentes à realidade social e pastoral dos países.

61. A integração da equipe de teólogos será feita em diálogos com as Conferências Nacionais e de acordo com os seguintes critérios: diferenciação regional; conhecimento e seguimento de Vaticano II, Medellín e Puebla; comunhão com sua Igreja local e Conferências Nacionais de Religiosos e aceitação das mesmas; que sejam pessoas provenientes de diversas disciplinas, complementares entre si e abertas ao diálogo dentro do sadio pluralismo atual.

D. Com relação à comunicação

62. A tarefa da CLAR exige ter sempre em mente a comunicação como fenômeno sócio-cultural que condiciona a ação da sociedade e dos religiosos.

63. Com este fim, a CLAR estudará e estimulará o estudo por parte dos religiosos, a fim de conhecer e compreender a importância dos efeitos e dos desafios que a comunicação estabelece à ação evangelizadora na América Latina.

64. Será promovida, ao mesmo tempo, uma adequada formação dos religiosos em temas relacionados com a comunicação.

65. A consecução dos objetivos propostos pela CLAR exige uma permanente atenção para utilizar os recursos e instrumentos que brinda a comunicação. Por este motivo, buscará fazer um uso adequado, em todos os níveis de sua ação, das linguagens, técnicas e recursos que a comunicação estabelece.

E. Com relação a outros Organismos da Igreja

66. A consecução dos objetivos enunciados exige uma relação eclesial sempre mais sincera e profunda, especialmente entre as Conferências Nacionais, que configuram a CLAR, e com a Sagrada Congregação de Religiosos e Institutos Seculares da qual dependem, sem descuidar outros organismos, como a União de Superiores Gerais, da União Internacional de Superiores Gerais, em Roma, e o CELAM.

67. A Presidência e o Secretariado da CLAR têm uma responsabilidade muito imediata neste tipo de atividades que são uma das maneiras de explicitar a comunhão eclesial e de contribuir para a construção do Reino.

VI. Conclusão: prospectiva a partir dos 20 anos da CLAR

68. Desde a vida religiosa, como seguimento de Jesus na história da América Latina, desde Jesus Cristo como norma última de opção pessoal, comunitária, de acordo com os

carismas das famílias religiosas: animamos as comunidades religiosas ao otimismo e à esperança para acompanhar cada dia com maior radicalidade sua opção na vida consagrada; convidamos todas as comunidades a continuar seu processo para a comunhão e compromisso dos religiosos no momento presente; olhamos com esperança para as expectativas e dinamismo dos jovens que desejam seguir Jesus Cristo na vida consagrada.

*Tradução do original espanhol de
Miriam Leite de Almeida.*

SANTA FRANCISCA XAVIER CABRINI

Fundadora da Congregação das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. A Santa da América. A Mãe dos Emigrantes.

Ir. Lúcia Victor Rodrigues, MSC
Rio de Janeiro, RJ

O ano de 1980 marca o Centenário do Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, fundado por Santa Francisca Xavier Cabrini, a Celeste Patrona dos Emigrantes, como a proclamou Pio XII, em 1950.

A santidade é um valor que transcende o tempo e o espaço, podemos por isso dizer que Madre Cabrini é uma santa de nossos dias. Embora vivendo intensamente o seu momento histórico, ela previu novas exigências e soube criar estruturas mais condizentes com o desenrolar dos acontecimentos. Num época em que a mulher estava condicionada por muitos preconceitos sociais, ela empreende, com surpreendente audácia, uma incrível aventura de amor a Deus e ao próximo e lança-se em defesa dos pobres, dos sofredores.

Só, sem meios, uma fé inquebrantável e uma ardente caridade a impelem: "Tudo posso naquele que me dá força", e vemo-la atravessar 24 vezes o Atlântico, transpor a altíssima Cordilheira dos Andes, percorrer imensas planícies daquela desconhecida América que o grande Leão XIII lhe apontara dizendo: "Não ao Oriente, mas ao Ocidente".

Os primórdios

Décima terceira filha de modestos agricultores, a pequena Francisca foi educada pela irmã mais velha, Rosa, com uma disciplina "envolvida pelo Espírito Santo". Parecia-lhe não estar mais na terra. Era um daqueles misteriosos toques da graça.

Adolescente, teve como Mestra a Igreja, com os ensinamentos eter-

nos e as peculiaridades temporais de sua época, reconhecendo o divino e não recusando o humano (1). Crescia com ela o ideal missionário e sonhava ir à China levar o nome de Cristo.

Estamos em 1880... a messe está madura. Recusada por duas Congregações religiosas, por sua saúde precária, o bispo D. Gelmini chama Francisca e lhe diz: "Tu queres ser missionária. Não conheço um Instituto desse gênero. Funda tu mesma, um" (2).

Deus tinha falado através dos acontecimentos e, com aquela simplicidade que lhe é peculiar, Francisca responde: "Procurarei uma casa" (3).

Assim, a 14 de novembro de 1880, com sete companheiras, dava início ao Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, em Codonho, Itália. Sua meta... a China... a dilatação do Reino de Cristo. Deus está com ela.

A obra da Cabrini

Em 1888 Madre Cabrini apresenta-se a Leão XIII, pedindo-lhe para realizar seu sonho missionário, mas ouve do santo Ancião: "Ide aos Estados Unidos e lá encontrareis um vasto campo de ação". Deus havia falado por meio de seu Vigário na terra. O sonho da China se desvanece...

Sua China é a América. Daí em diante não conhece obstáculos: "Dificuldades, dificuldades! Que são as dificuldades? exclama. Brinquedos de criança aumentados pela nossa

fantasia que ainda não sabe mergulhar em Deus onipotente!"

Deixemos agora que fale a primeira biógrafa, Me. De Maria, sua companheira de viagens, a qual nos dá uma visão realista da emigração nos Estados Unidos, em 1888:

"Não havia instituições governativas ou filantrópicas que tutelassem os interesses dos emigrantes, ao passo que milhares e milhares deles se achavam nas populosas cidades e nas regiões despovoadas, ocultos nos antros profundos das minas, expostos aos raios causticantes do sol tropical, ocupados nas plantações do sul, na construção das vias férreas, mas quase sempre aglomerados nos grandes centros, entregues aos mais duros trabalhos. Igualmente profundos eram os males espirituais. A Palavra de Deus anunciada numa língua desconhecida, permanecia estéril para eles e ineficaz... com as conseqüências que daí resultam" (4).

Me. Cabrini não falou de ação, mas agiu. "Precisa correr e não discorrer" é uma daquelas suas frases breves mas fortes.

A 31 de março de 1889, desembarca em Nova Iorque, com sete Irmãs. O bispo D. Scalabrini, profundo conhecedor do drama da emigração italiana, lhe havia pedido que se associasse à obra de seus missionários. Para Madre Cabrini

(1) De Luca, Parole Sparse, página 25.
(2) Vida de Me. De Maria, página 21. (3) Vida de Me. De Maria, página 21. (4) Vida de Me. De Maria, páginas 82-83.

porém, não sorria associar-se a uma obra alheia. Sua personalidade era por demais marcante e estava resolvida a salvaguardar a própria liberdade de ação.

Contudo compreendeu logo a extensão da obra e exclamou: "O mundo é por demais pequeno e eu quisera abraçá-lo todo..." Encorajava as Irmãs dizendo-lhes: "Desprendeí-vos, criai asas..." e elas voaram por toda parte, impelidas pelo exemplo da Madre.

O coração de Me. Cabrini tem a dimensão do mundo e o seu ardor apostólico lhe faz dizer: "Não descansarei enquanto não puder ver que o sol não se deita sobre nossas instituições, para poder dar um contínuo louvor ao S. Coração de Jesus". E surgem hospitais, escolas, orfanatos, preventórios, assistência aos presos, aos mineradores, catequese para adultos.

Ela foi, porém, essencialmente uma eminente educadora. Cônsua de que só quem ama é capaz de educar, sabia que a salvação dos jovens está condicionada à formação cultural e social, baseada nos princípios cristãos. Fundou, pois, vários colégios, especialmente na América Latina. Em 1903, instalou um, em São Paulo e em 1908 abriu pessoalmente dois no Rio de Janeiro, a pedido do Cardeal Arcoverde que a denominou "um grande general".

Ao romper da guerra de 1914, as Casas do Instituto eram 67, fundadas por ela, nos dois hemisférios, com os únicos recursos que a Divina Providência ia espalhando em seus caminhos.

Finalmente, minada por tantas fadigas e consumida pela chama do Amor de Cristo, a grande missionária atingia o vértice e, a 22 de dezembro de 1917, voava ao céu.

O carisma cabriniano

A obra dos santos não termina quando Deus os chama, antes, é então que ela floresce... "Fui Eu que vos escolhi e que vos destinei para que vades e deis fruto e para que vosso fruto permaneça" (Jo 15, 16).

O carisma missionário de Santa Francisca Xavier Cabrini continua através de suas filhas, esparsas em vários continentes: Europa, América, África e Austrália. No Brasil há atualmente 12 Casas, nos Estados de: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul.

A emigração e a migração oferecem hoje um esquema diverso, bem sabemos. Talvez mais preocupante, mais marcado por problemas sociais: a separação dos filhos, a desagregação da família, a vida infra-humana no meio da riqueza e do bem estar alheio. Quem poderá minorar tantos males?

— As Missionárias do Sagrado Coração de Jesus dirigem-se às regiões de migração, aos centros industriais onde o homem se torna máquina, para lhe recordar que "nem só de pão vive o homem..." (Lc 4, 4).

De 1967 em diante, formaram-se pequenos centros confiados às Mis-

sionárias do S. Coração de Jesus, junto aos pobres, entre os operários, na Lombardia, na Suíça, em Luxemburgo, na América Central, na Argentina, no Brasil, na África, na Austrália, para assistir, não só ao emigrado mas a todos os que sofrem, a todos os que buscam melhores condições de vida. São ambulatórios, dispensários, creches, cursos de emergência para alfabetização e artesanato, centros de pastoral e de catequese, para levar aos irmãos marginalizados, aos sofredores, a Palavra de Cristo que ilumina, que orienta, que conforta, acendendo a luz da esperança para rei-

vindicar os direitos dos oprimidos, para libertá-los da escravidão do pecado.

Somos todos irmãos, filhos de um só Pai e alegra-nos a esperança daquele grande dia, predito por Jesus, em que "haverá um só rebanho e um só Pastor" (Jo 10, 16).

Madre Cabrini, a grande mulher que legou seu nome à história, a santa das Américas, a Mãe dos Emigrantes, continua a segui-los mediante suas obras.

A santidade é uma força perene... e ela continua a vivenciar o amor.

O MINISTÉRIO DA MULHER

Ir. Ana Roy

Salvador, BA

Uma literatura abundante, nessa segunda metade do nosso século, enfatizou muito a mulher. Numerosos estudos valiosos trataram deste tema e, de modo especial, na ocasião do ano internacional da mulher, um vasto dossiê deixou aberta uma série de problemas sobre o papel da mulher na Sociedade e na Igreja, suscitando inclusive, opiniões diferentes e divergentes.

A presente contribuição é modesta e não pretende trazer novidade alguma a respeito, por exemplo, da participação da mulher nas responsabilidades políticas ou pastorais. Tais problemas solicitam das autoridades competentes e das interessadas, aprofundamento e experiências, e além do mais implicam muitos enfoques psicológico, filosófico, sociológico.

A reflexão que se segue situa-se aquém dos dados científicos e tenta esboçar um perfil da mulher a partir da sua fonte; a mulher tal como a Bíblia no-la revela no seu

“mistério” íntimo que desemboca num “ministério” próprio, anterior a toda tarefa particular.

Uma fidelidade aos textos escriturísticos, à luz da antropologia semítica e da exegese moderna impõe-se para esclarecer a especificidade ontológica da mulher. Porém, antes de chegarmos ao específico feminino, é necessário num primeiro tempo, considerar a globalidade do ser humano e remontar até antes da sua diversificação homem/mulher. É preciso começar com a compreensão do “total” se não quisermos errar na do “particular”. Daí, então, poderemos nos voltar para a mulher das origens que a genial intuição dos autores bíblicos nos desvela progressivamente no decorrer dos séculos.

Esta volta à fonte queria nos levar, a nós, mulheres de hoje — eis a razão que motiva essa partilha — a redescobrir nossa identidade verdadeira; a receber do Deus do Gênesis a nossa identidade de graça,

isto é, nosso carisma próprio que não pertence ao plano único da natureza biológica e psicológica. “Nem a carne nem o sangue” nos ensinam o que somos, mas sim, “o Pai que está no céu” é que no-lo revela.

Ao deixarmos fielmente a Revelação penetrar no âmago da nossa existência cotidiana e no concreto de nossas experiências, ela nos revelará a nós mesmas, e nela encontraremos a nossa estrutura profunda e original para realizar a nossa vocação feminina.

Em torno de 600 anos antes de J. C., portanto a uma época relativamente recente, a humanidade já tinha feito uma longa caminhada. De modo especial, Israel levava consigo a experiência única da Presença Salvadora de Deus na sua própria história.

Sobre este pano de fundo é que a consciência do Povo de Deus começou a formular a grande pergunta que toca a todo homem: “Quem sou eu, a partir de tudo aquilo que já experimentei?” Israel, então, voltou para si a busca da sua fonte; remontou o rio da sua história; questionou os mitos originários conhecidos e procurou definir-se na dependência absoluta do Deus a quem servia.

Nesse contexto cultural e religioso é que nasceu o primeiro capítulo do Gênesis, cuja redação é uma obra de professores, (chamamos tradição sacerdotal) que nos revelou o plano universal e comum do destino humano. Abrindo a Bíblia, lemos:

“Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança....

Eles dominarão.... Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; criou-o homem e mulher”, Gên 1,26.27. (Tradução da Bíblia de Jerusalém).

Cabe neste versículo a estrutura orgânica da Humanidade. As ciências e as investigações bíblicas nos permitem, hoje, de interpretar melhor este versículo fundador. Sabemos que o “homem criado à imagem de Deus” não corresponde ao macho. Trata-se de “Adam”, nome genérico cuja significação diz respeito a célula humana, portanto homem e mulher, numa fusão indiferenciada. Nesta compreensão, uma releitura do texto é significativa e chama atenção o jogo dos singular e plural que se relacionam à mesma realidade:

Façamos o “Adam” à nossa imagem, singular. Eles dominarão, plural. Criou-o à imagem de Deus, singular. Criou-o masculino e feminino, plural.

Entretanto, trata-se sempre de uma entidade só. “Adam”, ao mesmo tempo, singular e plural; ou melhor, Adam encerra uma vida plural. Esta apresentação não dá lugar para uma separação. Resulta claro que nas origens, a humanidade aparece como uma totalidade inseparável, uma igualdade radical, uma unidade inquebrável. No “Adam” primitivo os dois sexos são indissolivelmente criados e associados. A Imagem de Deus refluí igualmente em ambos como princípio vital de unificação, até antes da manifestação das duas pessoas diferentes.

A distinção masculino/feminino, enquanto individualidades isoladas não parecem corresponder à verdade inicial que Gên 1 nos quer transmitir. A humanidade-Imagem de Deus é anterior a toda diferenciação. E fora de uma visão globalizante do ser humano, torna-se difícil entender as particularidades do homem e da mulher. Tal valor, como outro, pode infelizmente ser esquecido ou pior relegado ou mesmo sepultado (muitas civilizações viveram este drama). E nessas condições, homem e mulher que querem se interpretar separadamente e a partir de si, passam a ser produtos da história e se reduzem a uma pura fenomenologia...

No entanto, antropólogos como psicólogos concordam para dizer que o homem vai tateando no decorrer da sua vida para dar um nome a esta ânsia fundamental, busca de unidade e de complementariedade que lhe é coextensiva e que a Bíblia chama "Imagem de Deus". Nella, o gênio hebraico significa a estrutura hierárquica do homem, ser religioso. Nesta perspectiva, a interdição em Israel de esculpir imagens explica-se pelo sentido dinâmico da imagem que suscita a presença real de quem representa. Só a Deus compete fazer uma imagem que suscite a sua própria presença e Deus fez Adam!

Todavia, ao modificar a sua estrutura ontológica, a humanidade desfigura esta imagem ou a recalca... Isso acontece quando homem e mulher não se reconhecem mais na unidade e assim chegam a um verdadeiro "cisma ontológico",

num mundo de nevrose onde prevalece o culto da personalidade narcísica. A imagem não corresponde mais à intenção do Criador: Adam torna-se incapaz de assumir o ministério sagrado do domínio do mundo que só se pode desempenhar na harmoniosa complementariedade do masculino/feminino.

Enquanto o primeiro capítulo do Gênesis põe em destaque a unidade profunda do gênero humano em Adam, a narrativa do cap. 2, aliás anterior ao cap. 1, culmina na aparição do elemento feminino. A mulher entra na cena do mundo em termos de "face-a-face", como aquela que deverá estar sendo "frente" a seu parceiro.

Deus disse: "Não é bom que o Homem esteja só. Vou lhe dar uma ajuda que lhe seja adequada", Gên 2, 11. A expressão que aqui se traduz "ajuda", é "ézer", isto é o tipo de amparo, de auxílio que Deus oferece ao seu povo.

"Meu Deus vem me amparar" grita o pobre e Deus responde com "ézer". Estamos longe das conotações de sujeição, de justificação do simples serviço doméstico que sugeriu muitas vezes numa interpretação errada deste versículo. O significado é profundo: A mulher, ainda que no projeto divino, antes da sua manifestação é vocacionada, portanto capacitada a oferecer à humanidade a "ézer" de Deus, esta ajuda divina feita de ternura misericordiosa, de fidelidade amorosa e de assistência libertadora.

Eis o presente de Deus para a mulher: criada para ser "ézêr". Eis o presente de Deus para o mundo: a mulher que lhe será "ézêr". E o texto continua: "Deus então, mandou ao homem um profundo sono e enquanto dormia, tomou-lhe uma costela. E da costela que tinha tomado do homem, Deus FEZ a mulher e levou-a para junto do homem... Eis agora, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne da minha carne; ela se chamará MULHER", Gên 2,21-23.

A declaração de Adam pode surpreender enquanto as palavras que ele usa, expressam mais as da mãe acarinhando o seu filho. Para esclarecê-la preciso dar atenção ao processo criador da mulher. Para criar Adam, Deus tomou o adama, isto é, o pó da terra, e com a água "plasmou" Adam, a que inspirou o seu próprio sopro de vida. Quando se tratou da mulher, Deus a "fez" traduz o texto; e a palavra hebraica diz: Deus "edificou" no sentido de levantar sobre um alicerce. Deus então, "edificou" a mulher sobre o alicerce do ser vivente num misterioso parto!

E face a face ao filho de Deus se levantou a filha de Deus. Ao expressar esse processo, a inspiração poética do autor junto a uma intuição espiritual profunda aplica-se a sublinhar que a aparição da mulher não é propriamente uma criação mas que sua vinda é uma autêntica geração. Além disso, a imagem do sono de Adam acentua ainda: como a mãe-terra deixa germinar suas sementes no sono do inverno, assim também a humanida-

de das origens, tal uma mãe, brotou o seu germe no sono inicial de toda geração e Eva se separou de Adam como um fruto amadurecido.

Isso indica o tipo de unidade fundamental que existe entre o homem e a mulher. No momento em que o Criador chamou Adam-Humanidade à vida, esta, por assim dizer, está grávida da sua parte constitutiva feminina. Nesta base, vai emergindo a vocação carismática da mulher que corresponde a seu ministério. Nascida de Adam, primícias da humanidade, a vocação da mulher fiel à sua fonte é ordenada essencialmente à humanidade. Com estas palavras está-se afirmando que não há uma realidade humana, por mais humilde que seja, que pode ser alheia ao desvelo delicado e intuitivo.

Para captar o alcance desta afirmação temos que penetrar agora no conteúdo dos termos pelos quais a mulher do Gênesis é interpretada nas tradições sucessivas. Pois acontece que as ressonâncias que ocorrem em nosso vocabulário não são iguais às dos termos bíblicos correspondentes. Isso vale especialmente para a palavra mulher que adquiriu no Ocidente um sentido-síntese tão objetivizante que já não expressa mais a interioridade que encerra. As expressões bíblicas aludem realidades interiores. E os poetas do Gênesis conseguiram através dos nomes que identificam a primeira mulher a tornarem transparente o segredo que envolve o seu ser, mistério destinado a todas gerações femininas. Resta-nos fazer uma transposição no texto e substituir a

nossa única palavra mulher pelo seu sinônimo hebraico: "Ischa" no cap 2; "Negevah" no cap. 1; "Eva" no cap. 3.

Essas denominações que vamos analisar são como que as três componentes do ser feminino. Cada mulher, na "graça" da primeira, encontra nelas a sua verdade fundamental: Ischa: "Ela chamar-se-á Ischa", Gên 2,23.

O nome que jorra da exultação do Adam, tal um magnificat, quando Deus lhe apresenta a sua "ézêr"! Ischa significa literalmente "companheira", aquela que é chamada a conviver. Desde o primeiro instante da sua existência, esta disposição ontológica lhe vem da consciência tranqüila da sua própria fragilidade. Ischa percebe-se como limite e alegra-se de encontrar a sua plenificação no outro. A necessidade do outro é inerente a sua natureza, necessidade totalmente pura, isenta de complexo; necessidade "virgem" por assim dizer, que se afirma numa relação oblativa.

E quanto mais Ischa interioriza esta singularidade que lhe pertence tanto mais ela se realiza. Para ela o isolamento é uma contradição. Pois ela define-se como início, como parcela à procura do seu acabamento num "com". A sua realidade existencial é dominada por esta preposição "com" que vai marcar todas as suas relações. Ischa compartilha e ela compadece. Ischa comunica e ela comunga.

Ela tece as fibras do ser numa comunhão permanente com os outros. É sua maneira de existir. Em

contraparte, se o "eu" do egoísmo chegar a suplantar o "com" da relação, a mulher altera e ofende a sua condição profunda. Apenas reencontrará o seu equilíbrio ontológico no caminho da liberdade solidária. Este é o único que ela pode trilhar e que a leva a desempenhar o seu ministério no meio dos homens: **o ministério da comunhão.**

Enquanto o homem aspira ao crescimento de suas energias e se prolonga nas suas obras, a mulher, radicalmente "companheira" é marcada para um destino comunitário. A comunidade conjugal e familiar permanece a realização simbólica da sua vocação. Entretanto não esgota o carisma comunitário da mulher que se alastra a toda humanidade. Onde estiver uma mulher, uma "ischa" fiel a este aspecto da sua feminidade, ela suscita um "estar-com" ou melhor um "ser-juntos", prelúdio à grande comunidade do Reino que já vai se manifestando. Negevah: "Deus criou Adam à sua Imagem. Criou-o homem e Negevah..." Gên 1,27.

Conforme a raiz, Negevah que corresponde a fêmea, significa a "transpassada", isto é, um ser aberto. E a imagem é muito forte e sugestiva. Na mulher, Deus "cavou" espaço. Negevah percebe-se como espaço. Espaço de liberdade para acolher e para conservar; espaço de silêncio para abrigar o mistério; espaço de disponibilidade a toda presença. Cavidade secreta que alberga todos os possíveis. Lugar oco a ser fértil e fecundo. Profundezas íntimas de onde jorra as fontes do amor.

Nela se encontra sempre vaga para quem tem necessidade de apoio, de "ézêr".

Assim Deus criou Negevah. Esta abertura ontológica lhe concede a maravilhosa faculdade de hospedar a vida. Tudo aquilo que toca à Vida a ela se chega. Não há lágrimas que a sua mão não enxuga. Não há grito que nela não encontra escuta. Não há dor que seu coração não conforta. O seu próprio ser faz-se consonante de todos os apelos à Vida.

O mistério paradoxal de Negevah consiste a crescer num esvaziamento sempre mais profundo, ampliando espaço para que nele a Vida tenha plena vigência. Essa vivência toda peculiar ordena-a naturalmente ao **ministério da Vigilância**. Vigilância amorosa para que nenhuma migalha de Vida se perca.

No concreto da existência confunde-se com uma atitude de escuta, de atenção habitual. Pela sua intuição, a mulher tem capacidade de captar o imponderável da pessoa humana. Isso exige, contudo, uma presença discreta e disponível. Negevah é constituída para este ministério. Ela vigia sobre todo valor humano, absoluto e radical, e nesta vigilância ativa, permeada de amor, ela humaniza e personaliza a própria humanidade.

Eva: "E Adam pôs à sua mulher o nome de Eva porque ela era a mãe de todos os viventes", Gên 3,20. Aqui o texto justifica o sentido do nome: "porque era mãe". Eva é Fonte de Vida. A perspicácia bí-

blica vai além do prolongamento biológico da raça humana.

Toda mulher é Eva na totalidade do seu ser físico e espiritual, profundamente integrados. A aptidão do corpo feminino à geração não fundamenta a maternidade. É o contrário que acontece: a maternidade determina as capacidades fisiológicas e as põe a serviço da Vida. Do espírito materno criado por Deus em Eva decorrem, como conseqüências, a correspondência anatômica e a faculdade de dar à luz. Maternidade é carisma e Deus o deu a cada mulher.

O homem não é paterno na sua essência: tornou-se pai. A mulher não se torna-mãe, ela é e o permanece independentemente da geração. Interessante notar que, ao expressar o amor de Deus Pai, a Bíblia se volta pela experiência da mulher e usa dos sinais da maternidade: "Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Mesmo que o esquecesse, Eu não esqueceria nunca", Is 49,15. A paternidade divina corresponde à maternidade humana. E a graça própria da mulher que nela encontra toda a sua dignificação.

Por isso, Eva, em nós mulheres, conhece as condições que a Vida exige no lento germinar das pessoas na ordem da natureza e na ordem da graça. Ela sabe esperar e combinar com o tempo. Ela possui uma espécie de complicitade com o tempo. Então ela sabe viver os adventos, as expectativas que passam pelas longas demoras da fecundidade. A categoria tempo não pesa àquela

que leva consigo a esperança da vida e nela se alegra. Embora estéril por natureza ou por opção, ela nunca cessa de ser “mãe feliz de muitos filhos” para levar a termo as ânsias e as aspirações da família humana.

Esta responsabilidade pela vida, inerente ao seu ser, resulta no **ministério da Esperança** que Deus lhe confiou desde as origens. A mulher permanece testemunha e guardiã da Esperança na História dos homens. “O destino do mundo encontra-se no coração de cada mãe”, disse um provérbio chinês, portanto no coração de cada mulher. Aí está a sede do seu ministério que não lhe vem de “fora” mas sim de “dentro”.

Terminando a peregrinação à fonte do ser da mulher para descobrir o rumo do seu ministério, vem surgindo com uma singular atualidade, a pergunta do antigo sábio de Israel: “Uma mulher virtuosa quem poderá encontrar-lá?” Prov 31,10. Ou simplesmente, a mulher fiel a suas origens onde encontrará-la?

Em nome de promoção, com pretexto de quebrar os tabus, a sociedade de hoje arruina a personalidade da mulher. Quantas reivindicações feministas, quantos movimentos de emancipação (e que emanci-

pação... até as últimas tentativas de legitimação do top-less!) vão atraçando e destruindo o verdadeiro significado, o carisma da companheira do homem. Os slogans falam de abertura, de atualização e penetram tanto nas famílias como nas casas de mulheres consagradas. É fácil pagar suaves prestações às propagandas que circulam e envolver-se no jogo das concessões atraentes que pouco a pouco atingem as estruturas ontológicas. Face a esta situação, sim, existe ainda lugar para a mulher “Ischa-Negevah-Eva”, harmoniosamente integrada na sua rica complexidade?

Voltemos às nossas fontes e “tantas vezes vai o cântaro à fonte, disse a sabedoria popular, que um dia lá fica”. Houve uma mulher, chamava-se Maria, a Nova Eva. Ela, “lá ficou”. A fonte da primeira. Esta presença fiel, firme e disponível tornou-a “Mãe do Puro Amor e da Santa Esperança”... “Mãe em que se acha toda graça” Sir 24,24. Nunca poderá a mulher realizar a sua vocação ministerial afastando da sua fonte existencial. O ministério da mulher não pertence a uma função. Ele coincide com seu ser, na medida em que ela, “lá fique” à fonte. Então a fonte jorrará.

Primeiro, a Vida Religiosa ou, primeiro, a Pastoral?

Decida Você mesmo, a dicotomia que estabeleceu, lendo e examinando estas Palavras de João Paulo II: “Não é por ser útil à Pastoral que a Vida Religiosa tem um lugar definido na Igreja e tem um valor incontestável. O contrário é que é verdade. Ela presta um serviço eficaz à Pastoral porque e enquanto se mantém inabalavelmente fiel ao lugar que ocupa na Igreja e aos carismas que definem este lugar”.

O CRISTÃO E A LUTA PELA JUSTIÇA

Frei Leonardo Boff, OFM
Petrópolis, RJ

1. A urgência da luta pela justiça social hoje

Basta olharmos em volta para confirmarmos a verdade do grito dos bispos latino-americanos reunidos em Puebla (1979): "Do coração dos vários países que formam a América Latina está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante; é o grito de um povo que sofre e que reclama **justiça**, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos... O clamor é crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador... A situação é de **injustiça**..." (nn. 87, 89, 90 cf. 28). Clama-se por justiça, denuncia-se a injustiça social e estrutural.

Atrás destes brados proféticos se esconde o drama, no caso brasileiro, de 75% da população que vive em situação de marginalidade relativa; de 43% da população condenada a sobreviver apenas com um salário mínimo. Como dizia o operário de Vila Penteado-SP, Manoel

Paulo da Silva: "O que ganho é tão pouco que dá só para dizer que ainda estou vivo". E a sua mulher, Helena Gomes da Silva completava: "Isto aqui não é vida de ninguém" (Folha de São Paulo: 2 maio 1976).

Não admira que 40% dos brasileiros vivem, trabalham e dormem com fome crônica; que haja 10 milhões de deficientes mentais, 8 milhões atacados de esquistossomose, 6 milhões com malária, 650 mil são tuberculosos e 25 mil leprosos (O S. Paulo de 6-22 fev. 1974 p. 3).

Para que nos escandalizarmos com tais cifras? Já as conhecemos e infelizmente nos temos habituado a elas.

Mas esta situação conscientizada constitui um verme na consciência dos cristãos que não nos deixa descansar. É o fermento que dinamiza o compromisso crescente das Igrejas na luta pela justiça social. É o tema de nossa reflexão.

2. Reações mais significativas por parte das Igrejas cristãs

Face a estas contradições que corporificam o pecado da opressão, do empobrecimento e da desumanização esboçaram-se reações no corpo hierárquico da Igreja brasileira. Os últimos anos testemunham um sério compromisso da Igreja com a causa da justiça:

— **A função tribunícia da Igreja:** Os bispos e a CNBB romperam a censura imposta à palavra livre no Brasil (a partir de 1968) e anunciaram e denunciaram as violações sistemáticas aos direitos humanos, às torturas, à insuficiência dos salários, à expropriação das terras. A Igreja se fez o tribuno do povo.

— **Criaram-se vários organismos que dão eficácia à luta pela justiça:**

◆ Comissão Justiça e Paz ao nível Nacional, diocesano e em muitos lugares em cada paróquia ou comunidade de base.

◆ CIMI: Conselho Indigenista Missionário, órgão ligado à CNBB e encarregado de ajudar os índios na defesa de suas terras e de sua cultura.

◆ CPT: Comissão de Pastoral da TERRA: órgão que acompanha os problemas das terras, onde as violências assumem formas extremas.

◆ Movimento Custo de Vida que mobilizou mais de 1 milhão de pessoas.

Observação: todos estes órgãos não visam defender os interesses corporativos da Igreja, mas do povo esbulhado. É um serviço da Igreja ao oprimido contra o pecado do esbulhamento a que está submetido.

— **Opção preferencial pelos pobres:** é a expressão teológica que subjaz ao compromisso cristão. Os pobres foram os privilegiados por Jesus, não pelo fato de serem bons e abertos, mas pelo fato de serem pobres (Puebla n. 1142): “Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarneida” (Pela pobreza). “Por isso Deus toma sua defesa. Assim é que os pobres são os primeiros destinatários de sua missão” (n. 1142). Assumindo a causa da justiça dos pobres a Igreja coloca-se no mais puro seguimento de Jesus. João Paulo II aos bispos em Puebla recordou que o compromisso de Jesus foi “um compromisso com os mais necessitados” (3.3.).

Neste transfundo se entendem vários documentos de nossos bispos que tiveram repercussão universal e que revelam o conteúdo evangélico das ações cristãs:

◆ Não oprimas teu irmão: dos bispos de S. Paulo reunidos em Brodosqui, em 1974.

◆ Eu ouvi os clamores de meu povo: documento dos bispos e religiosos do Nordeste, em 1973.

◆ Marginalização de um povo: o grito das Igrejas: documento dos bispos do Centro-oeste do Brasil, em 1974.

◆ Exigências cristãs de uma ordem política: CNBB 1977, importante documento dos Bispos colocando a tônica no tema da **participação** do cidadão e do cristão na construção de uma sociedade justa e, por isso, diferente daquela na qual vivemos e sofremos.

— **Solidariedade dos Bispos paulistas e da CNBB às greves dos metalúrgicos do ABC paulista.** A Igreja reconheceu a legitimidade da greve dos operários em busca de melhores salários e da estabilidade por um ano no trabalho. Quando todos os locais foram interditos ao povo, quando todo o aparato do Estado (jurídico, policial, político) se fechou contra os operários, a Igreja abriu o recinto sagrado de seus templos. O que há de mais sagrado do que a pessoa humana? O sagrado da pessoa é mais importante que o sagrado dos objetos e espaços sagrados. É em função da sacralidade da pessoa, de seus direitos que existe o sagrado. Na pessoa, estamos face ao Sagrado de Deus. Esta solidariedade dos bispos dividiu a opinião pública controlada pelas classes dominantes. Este tipo de ação das Igrejas não lhes é mais funcional. Acabam atacando a Igreja; na verdade estão atacando o povo e a Igreja que tomou a defesa do povo “capado e recapado, sangrado e ressangrado” (Capistrano de Abreu).

— Resultado desta postura da Igreja na defesa da justiça social: a Igreja ganhou credibilidade e o Evangelho de Jesus mostra sua força de libertação. Tudo o que é justo, digno, toda luta em prol da de-

fesa da dignidade humana é compatível com o Evangelho e é, mais do que isso, exigido por ele.

De repente, muitos cristãos começaram sentir orgulho de sua fé e de sua Igreja. A Igreja em quase todo o país se mobilizou na coleta de alimentos e de ajuda monetárias para os grevistas em S. Paulo.

— Como pequeno índice da credibilidade da Igreja seja referida a estatística da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC). O levantamento feito em 1963 dava o seguinte quadro: 60% dos alunos se declaravam ateus. A razão principal aduzida: a Igreja está do lado da ordem que é injusta e anti-popular. Em 1978 fez-se outro levantamento: 75% declararam-se crentes. A razão principal aduzida: entre Medellín (1968) e Puebla (1979) a Igreja foi a voz dos que não tinham voz, se identificou com o pobre e o marginal. Ocorre ainda que 10-15% declarou explicitamente: “Acredito na Igreja; não acredito na religião”. A Igreja, portanto, cobrou credibilidade por aquilo que ela fez, desinteressadamente, em favor dos mais pobres de seu povo (Cf. Cândido Mendes de Almeida, Ação, Justiça e Paz, nas opções de Puebla, em Encontro Nacional de Ação, Justiça e Paz, Curitiba, 1980, 7-10 aqui 10).

3. Fundamentação teológica para o compromisso com a justiça

Queremos oferecer alguns subsídios que fundamentam o **dever** de

todo cristão se empenhar na luta pela justiça. Utilizaremos os recentes documentos oficiais da Igreja. Assim teremos segurança de uma doutrina obrigatória para todos os cristãos. Estes documentos são: os vários documentos pontifícios em matéria social, as assim chamadas encíclicas sociais que elaboraram a Doutrina Social da Igreja. Nomeadamente nos referimos:

— **A justiça no mundo:** documento final do Sínodo dos Bispos de 1971 (Doc. Pontif. n. 184, Vozes, Petrópolis, RJ).

— **Octogesima Adveniens:** Carta Apostólica de Paulo VI pelos 80 Anos da Rerum Novarum sobre “As necessidades novas de um mundo em Transformação” (Doc. Pont. Vozes de Petrópolis, n. 180) publicada em 1971.

— **Evangelii Nuntiandi:** Exortação Apostólica de Paulo VI sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo (1975). Na terceira parte se aborda o tema da evangelização e sua relação para com a política e a libertação (Doc. Pont. 188).

— **Redemptor Hominis.** Primeira carta-encíclica do Papa João Paulo II (1979). Na terceira parte (ponto 17) se fala dos Direitos do homem, “letra” ou “espírito” (Doc. Pont. 190).

— **Evangelização no presente e no futuro da América Latina:** conclusões finais dos bispos reunidos em Puebla, todas pervadidas pela idéia da justiça social, da promoção humana, luta pela dignidade dos homens e por sua libertação à luz do Evangelho.

a) **Afirmção fundamental, tese central**

Diz o Sínodo dos Bispos sobre a Justiça no mundo: “A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão **constitutiva** da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja em prol da redenção e da libertação do gênero humano de todas as situações opressivas” (n. 6). “A mensagem evangélica comporta... a **exigência da justiça** no mundo. Esta é a razão por que a Igreja tem o direito e mesmo o **dever** de proclamar a justiça no campo social, nacional, internacional, bem como de denunciar as situações de injustiça” (n. 36).

Atente-se bem; não se diz que a justiça é tema integrante (não essencial) mas **constitutivo**. Sem a pregação da justiça não há evangelho que seja de Jesus Cristo. Isto não é politizar a Igreja: é ser fiel. E se não o somos, mutilamos pelo coração, a própria mensagem de Jesus e desnaturamos a própria missão da Igreja. Daí entendermos que se fala de **dever**. E um dever deve ser cobrado. O não atendimento de um dever assim grave, porque essencial, é pecado, mesmo quando é praticado pelo Bispo. Daí também fica fácil entender as palavras de Paulo VI na Evangelii Nuntiandi, tantas vezes repetidas por Puebla: “A Igreja tem o **dever** de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o **dever** de ajudar uma tal libertação nos seus

começos, de dar testemunho em favor dela e envidar esforços pra que ela chegue a ser total. Isso não é alheio à evangelização” (n. 30). Preste-se atenção: fala-se duas vezes de **dever**. E não se pense que o Papa imagine uma libertação meramente espiritual. A frase imediatamente anterior a esta, fala das opressões humanas: “carestias, doenças crônicas, analfabetismo, pauperismo, injustiças nas relações internacionais, neocolonialismo, etc.” (n. 30).

b) Três argumentos principais

aa) Em que se baseia este dever? O Sínodo dos Bispos (1971) aduz dois argumentos: um do Antigo Testamento e outro do Novo Testamento: “No AT Deus se nos revela a si mesmo como o libertador dos oprimidos e o defensor dos pobres que exige dos homens a fé nele e a justiça para com o próximo. Somente na observância dos deveres da justiça se reconhece Deus, verdadeiramente, como o libertador dos oprimidos” (n. 30) Aqui se profere uma sentença importante: **Deus só é encontrado no caminho da justiça**. O Deus vivo não é um Deus de rezas, incensos e ascetismos. De Isaías, capítulo 1, 11-18 aprendemos que o que agrada a Deus não são sacrifícios e orações, mas “procurar o que é justo, socorrer o oprimido, fazer justiça ao órfão” (1, 17). Jesus, da mesma forma, estabelece uma hierarquia de valores: mais importante que a observância religiosa é “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Mt

23, 23). O amor é o centro da mensagem bíblica, mas para ser verdadeiro ele supõe a justiça. Por isso ensinaram os bispos no Sínodo de 1971: “o amor implica de fato, uma **absoluta exigência** de justiça que consiste no reconhecimento da dignidade e dos direitos do próximo. A justiça, por sua vez, alcança sua plenitude interior somente no amor” (n. 34).

Portanto: “amor ao próximo e justiça não podem separar-se” (n. 34). A justiça é aquele mínimo de amor sem o qual a relação entre as pessoas deixa de ser humana e se transforma em violência.

Porque o Deus verdadeiro é o Deus da justiça e do amor, precisamos denunciar a utilização que os sistemas iníquos fazem do Deus cristão e da tradição cristã. Preferem-se teístas; na verdade são adoradores de ídolos do dinheiro, do poder, do capital. O Deus verdadeiro não se encontra nestas realidades, quando excludentes. Por isso D. Pedro Casaldàliga desafia estes equívocos com este pequeno poema: “Onde tu dizes lei, eu digo Deus. Onde tu dizes paz, justiça, amor, eu digo Deus. Onde tu dizes Deus eu digo liberdade, justiça, amor”. Aqui se vê que Deus está somente lá onde está a justiça, o amor e a liberdade. Nestas realidades ele mora. Não mora automaticamente nas palavras piedosas. Nem sempre que dizemos Deus, incluímos necessariamente liberdade, justiça, amor. Mas se não incluímos estas realidades quando falamos de Deus, então não falamos do Deus vivo, mas de algum ídolo.

bb) O outro argumento que fundamenta o dever da luta pela justiça, os bispos do Sínodo de 1971 derivam do Novo Testamento: Resumindo o argumento se diz (nn. 31-34) que, pelo fato da encarnação de Deus em Jesus Cristo "a atitude do homem para com os outros homens é integrada na sua própria atitude para com Deus" (n. 34). Em outras palavras: a verdade da relação para com Deus se mede pela verdade da relação para com os outros. Só está bem com Deus quem está bem em termos de justiça e amor com os demais homens. A justiça é colocada, portanto, no coração da própria religião. Daí entendermos o critério escatológico de nosso julgamento final: a nossa relação para com os zeros econômicos e zeros humanos de nossa história (Mt 25,31-46).

Ademais, enfatizam os bispos (n. 31) Jesus nos revelou o Pai e ao mesmo tempo trouxe a "intervenção da justiça do mesmo Deus em favor dos pobres e oprimidos (Lc 6,20-23: felizes os pobres, os famintos, os tristes, os malditos...). João Paulo II recordou aos bispos em Puebla que a "opção de Jesus foi para os mais necessitados" (3.3). Quando São Lucas diz: "felizes os pobres porque é deles o Reino de Deus" (Lc 6,20), isto significa, segundo a mais exigente exegese (Dupont, Pikaza, Schurmann, J. Jeremias e outros): felizes sois vós que sois empobrecidos, que sois injustiçados e sofreis violência, porque vosso é o Reino de Deus, que é um Reino de Justiça, amor e paz. Face à injustiça que se exterioriza na po-

breza, Deus mesmo se indigna, se sente desafiado e decide intervir. Jesus historiciza esta intervenção de Deus: Deus vem e restitui a justiça ao oprimido; não porque ele é piedoso e bom, mas pelo simples e puro fato de ser vítima da opressão que o faz empobrecido.

Numa palavra: a justiça é tão importante que sem o advento dela não existe advento do Reino de Deus. Sinal de que o Reino de Deus se aproxima e começa a morar em nossas cidades, é quando aos pobres se faz justiça, quando se propicia a sua participação nos bens da vida e da comunidade, quando são promovidos em sua dignidade e defendidos contra a violência que o sistema econômico e político os submete.

cc) Outro argumento decisivo desenvolvido amplamente na *Evangelii Nuntiandi* e retomado sob todas as formas por Puebla, consiste na inclusão da justiça no conteúdo central da evangelização (toda III parte da EN e II parte do documento de Puebla, cap. 1-2).

O centro da evangelização reside na "salvação em Jesus Cristo... que tem seu começo nesta vida e terá realização completa na eternidade" (EN 27). Esta evangelização "comporta uma mensagem explícita... sobre a vida em comum na sociedade, sobre a vida internacional, a paz, a justiça, e o desenvolvimento, uma mensagem sobremaneira vigorosa para os nossos dias, sobre a libertação (EN 29). O Papa enfatiza fortemente que a libertação faz parte do conteúdo **essencial** da

evangelização (EN 30 Puebla 351). Em seu sentido mais primário a libertação é libertação do pecado, da injustiça e da opressão e libertação para a graça da justiça e a fraternidade.

Este conteúdo não é acrescentado ao Evangelho por causa de nossa conjuntura atual. Pertence à sua essência em todos os lugares e tempos humanos.

c) Evitar os reducionismos

Em seu compromisso com a justiça e à libertação o Papa nos adverte contra dois tipos de reducionismo, um religioso e outro político. O **reducionismo religioso** (encurtamento da fé) enclausura a Igreja só na sacristia e na gerência do sagrado. O Papa Paulo VI assevera: "A Igreja não admite circunscrever a sua missão apenas no campo religioso como se se desinteressasse dos problemas temporais do homem" (n. 34). A Igreja, portanto, deve incluir em sua evangelização essencial o mundo com seus problemas e glórias. O outro **reducionismo é político**: encurtar a missão da Igreja "às dimensões de um projeto simplesmente temporal" (n. 32). A Igreja articula e relaciona o religioso com o político. Como não está somente na sacristia não está também somente na praça pública. Ela vai à praça pública, anuncia, denuncia, se solidariza a partir da inspiração evangélica e de sua dimensão religiosa. Não fala politicamente da política, mas fala evangelicamente da política. Entende que a política e a luta pela justiça antecipam e concretizam o Reino de

Deus — que se encontra também nestas dimensões, embora não se extenue nelas; transcende-as, mas penetrando-as e assumindo-as.

4. Luta pela justiça e política

Falar em Justiça Social e libertação implica já situar-se no coração do domínio da política. Por isso precisamos articular a luta pela justiça com o campo da política. Não existe palavra mais ambígua do que esta. As forças reacionárias da sociedade e da Igreja se valem desta ambigüidade para se demissionarem de lutar pela justiça. Em letras garrafais se pode ler: "A Igreja não pode entrar em política", "Papa proíbe padres e bispos se meter na política", "Não queremos política dentro da igreja (edifício da Igreja)", "Não queremos política na missa". Cumpre, portanto, esclarecer semanticamente a palavra política".

a) Significados de "política": Política em maiúsculo e política em minúsculo

O Papa Paulo VI já advertia na Octogesima Adveniens (1971): "Sob o termo política, naturalmente, são possíveis confusões que devem ser esclarecidas" (n. 46). Os bispos em Puebla nos ajudaram a esclarecer estas confusões (nn. 521-530).

Primeiro importa superar um preconceito, comum na cabeça de muitos herdeiros de uma má experiência política que encobertou corrupção, manipulação, jogo de interesses particulares. Para não pou-

cos, política significa coisa suja, mentira, demagogia. Na verdade tudo isto representa a patologia da política, que é um conceito altamente positivo a ponto de Aristóteles dizer que o ser humano, todo ser humano, queira ou não, é um **animal político**. Ouçamos os bispos de Puebla que fazem o mais alto elogio à política de que se tem notícia na história recente da Igreja:

“A necessidade da presença da Igreja no âmbito político provém do **mais íntimo da fé cristã**” (n. 516). A política está encerrada dentro do senhorio de Jesus Cristo. Ele é senhor não de pequenos espaços: só coração, só da alma, só da Igreja; ele é Senhor cósmico, dos grandes espaços, também da política. Ela tem a ver com o Reino de Deus, porque ela tem a ver com a justiça, que é um bem messiânico e do Reino ou com a injustiça que é expressão do pecado e da recusa a Deus. Os cristãos primitivos ao professarem: “Jesus é único Senhor”, faziam uma profissão política. Com isso eram condenados às feras. Daí se entende a segunda afirmação dos bispos:

“(O interesse da Igreja pela política) é uma forma de **dar culto ao único Deus**, dessacralizando e ao mesmo tempo consagrando o mundo a Ele (n. 521, Lumen Gentium 34)”. Praticar a política, como logo veremos, é lutar pela justiça de todos. Lutar pela justiça e realizá-la, é dar culto a Deus, o culto que Paulo nos pedia em Romanos 12,2: dar culto a Deus em nossos corpos: “este é o vosso culto espiritual”. A Octogésima Adveniens ensina: “A

política é uma maneira exigente — se bem que não seja a única — de viver o compromisso cristão, ao serviço dos outros” (OA n. 46). O compromisso político expressa o amor que descobriu sua dimensão social e de solidariedade.

Vejamos os dois sentidos de Política apresentados por Puebla:

— **Política em maiúsculo**: a busca comum do bem comum, a promoção da justiça, dos direitos, a denúncia da corrupção e da violação da dignidade humana. A Política em grande, segundo Puebla, “corresponde-lhe precisar os valores fundamentais de toda a comunidade — a concórdia interna e a segurança externa conciliando a igualdade com a liberdade, a autoridade pública com a legítima autonomia e participação das pessoas e grupos... define também os meios e a ética das relações sociais. Neste sentido amplo, a **Política interessa à Igreja** e, portanto, a seus pastores, ministros da unidade” (n. 521). Ademais, dentro da Política em maiúsculo estão as ideologias (marxismo, capitalismo, doutrina social da Igreja, etc.) que projetam uma imagem e utopia do homem e da sociedade. A Igreja possui sua visão do mundo, do homem, da convivência, da distribuição dos bens, etc. Ela ao anunciar o Evangelho, anuncia a Política que se deriva do Evangelho. Está interessada na Política e sempre esteve.

Neste ponto, portanto, a Igreja deve entrar na Política. Bem como a justiça, a política constitui parte de sua missão e essência. A Igreja não

pode não fazer Política em grande, vale dizer, não pode ser indiferente à justiça ou injustiça de uma causa, não pode silenciar face à manifesta exploração do povo; em Política em grande não há neutralidade: ou se é pela mudança na direção de maior participação social ou se é pela manutenção do "status quo" que, em muitos países como no nosso, marginaliza grande porção da população.

O apolitismo como desinteresse pelo bem comum e pela justiça social é criticado formalmente por Puebla: "A Igreja critica aqueles que tendem a reduzir o espaço da fé à vida pessoal ou familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem importância aí" (n. 515). Há um texto ainda mais duro que diz: "Há **instrumentalização** da Igreja que pode provir dos próprios cristãos, sacerdotes, e religiosos, quando anunciam um Evangelho **sem conexões econômicas, sociais, culturais e políticas**. Na prática, esta **mutilação** equivale a certo conluio — embora inconsciente — com a ordem estabelecida" (n. 558).

Ressaltamos: A neutralidade é impossível. Todos temos uma posição; ocorre que alguns não conscientizaram sua posição. Geralmente, esses assumem a posição da classe dominante, da ordem estabelecida que no Brasil é manifestamente uma ordem anti-popular e muito desigual e por isso injusta. Foi em razão desta desigualdade que se manifesta nos próprios salá-

rios que o próprio Núncio Apostólico, Cármine Rocco, tomou o partido dos trabalhadores nas greves de S. Paulo. E deixou claro que com isso não acirrava o conflito, porque já há um acirramento objetivo que vem da diferença brutal dos salários (Veja, páginas amarelas, da semana de 5-10 maio, 1980). A pretensa apoliticidade resulta, segundo Puebla, em instrumentalização do Evangelho e mutilação. Precisamos hoje conscientizar a dimensão Política presente no Evangelho e em nossa fé. Deus quer ser servido aí.

Esta dimensão é objeto da evangelização ("o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política": n. 515) e da celebração. Seu lugar é também no púlpito e na missa. Se nossa homilia não abordar a justiça, a fraternidade, a participação, se não denunciar as violências que ocorrem, está mutilando o Evangelho e emasculando a mensagem dos profetas e do maior deles, Jesus Cristo.

— **Política em minúsculo:** é toda atividade que se destina à administração ou transformação da sociedade mediante a conquista e exercício do poder de Estado. Puebla diz que é o exercício "do poder político para resolver as questões econômicas, políticas e sociais segundo os critérios ou ideologia dos grupos de cidadãos" (n. 523). E se acrescenta: neste sentido se pode falar de "política de partido" (n. 523). Trata-se portanto, não do todo mas da parte; fala-se da política em minúsculo que é a política partidária. É a facção e a fração. Esta

não pode empenhar toda a Igreja, mas parte dela que são os leigos. Ensina Puebla:

“A política partidária é campo próprio dos leigos; corresponde à sua condição leiga **constituir e organizar partidos**, com ideologia e estratégia adequada para alcançar seus fins legítimos” (n. 524). Isto não significa que os leigos não devam observar critérios mínimos para participar em partidos e criar partidos, na qualidade de leigos e cristãos. Cabe, fundamentalmente, a eles a tarefa de ser fermento e sal dentro da massa político-partidária. Veremos logo a seguir alguns critérios para a nossa situação latino-americana.

b) **Política e lucidez: a politização autêntica.**

A realidade social apresenta-se hoje extremamente sofisticada e opaca e perpassada de todo tipo de ideologia. Existe uma ideologia especialmente perigosa, desenvolvida pelas classes dominantes que controlam os meios de comunicação de massa, que ocultam os conflitos, escondem as notícias que lhes desagradam e pintam de rosa uma realidade trágica. O cristão, empenhado pela eficácia de sua luta pela justiça, deve poder defender-se de tais engodos. É por esta razão que o documento de Puebla recomenda a utilização de ferramentas racionais que nos ajudam a ver claro (nn 86, 719, 1046, 1160, 1307 esp. 826). Devemos usar, para vermos claro e podermos agir com eficácia duas ferramentas (instrumentos teóricos, mediações).

— **Ferramenta analítica:** estudar os mecanismos geradores de pobreza e da violência dos direitos humanos; o problema, geralmente, não é pessoal, mas estrutural. Importa ler literatura mais técnica para saber como funciona nossa sociedade brasileira, quem possui o que, como é distribuída a renda, qual a importância das multinacionais no Brasil, como é a legislação trabalhista, sindical (recomendar livros das Vozes: Por que sobem os preços? Como é a inflação, o ABC do entreguismo, etc.).

— **Ferramenta prática:** nenhuma vontade possui eficácia se não houver organização. Daí a importância de organizar Centros de defesa e promoção dos Direitos Humanos, Comissão de Ação, Justiça e Paz; decidir-se a entrar no sindicato, participar nas associações de bairro e lá dentro lutar com os outros.

— **Tarefa da verdadeira politização:** como se depreende faz-se mister uma educação para a participação na política em grande e em pequeno. O Papa Paulo VI fala “da importância de uma educação para a vida em sociedade” (O. Adveniens, n. 24). Puebla fala da educação para a justiça (1030), educação libertadora (1026), embora “alguns governos chegaram a considerar subversivos certos aspectos e conteúdos da educação cristã” (n. 1017). E mais ainda: “A educação católica deve produzir os agentes de transformação permanente e orgânica da sociedade mediante uma formação cívica e **política** inspirada na doutrina social da Igreja” (n. 1033). Ora, esta atividade se chama **politi-**

zação que não deve ser confundida com politicagem. Politização é um conceito positivo e significa a ação educadora para o social, o político é a corresponsabilidade. **Politicagem** é a utilização dos aparelhos de Estado feitos para todos em benefício somente de alguns ou de uma classe, ou interferência da Hierarquia em questões da política em pequeno, partidária.

5. Distribuição das competências dentro da Igreja

A Igreja, fundamentalmente, está organizada em três grandes corpos: a hierarquia que vai do Papa até o diácono; os leigos que são os batizados que não participam da condução da comunidade cristã e os religiosos, que ficam entre os leigos e a hierarquia, possuindo algo de ambos. Nesta questão das competências os religiosos são contados no número dos hierarcas.

a) **Competência da Hierarquia:** Seguiremos aqui especialmente o texto de Puebla e do Sínodo dos Bispos de 1971, sobre a Justiça no mundo. Cabe à hierarquia: **anunciar** ("palavra transformadora da sociedade" Puebla 518) e **denunciar**: a justiça e as situações de injustiças (Just. 36); **promover e defender** a dignidade e os direitos humanos (Just. 37); **solidarizar-se** com os leigos e **estimulá-los** em sua criatividade (Puebla 525); **interpretar** em cada nação as aspirações de seus povos, especialmente os anseios daqueles que uma sociedade tende a marginalizar (Puebla 522).

À luz destes critérios podemos dizer: os bispos de S. Paulo (D. Cláudio Hummes, D. Paulo Evaristo Arns e a CNBB) agiram dentro de seu estrito múnus pastoral, apoiando a greve no ABC que postulava o direito de garantia do trabalho e a liberdade sindical (negociação direta, sem atrelamento ao Ministério do Trabalho). A hierarquia não possui competência técnica: não sabe dizer **como** fazer; possui uma competência ética: à luz do Evangelho pode dizer se é justo ou injusto, favorece a participação ou exclui. "O serviço da paz e da **justiça** é um ministério essencial da Igreja" (Puebla 1304).

b) **Competência dos religiosos:** Paulo VI na Exortação Apostólica Evangelica Testificatio (Doc. Pont. 182), confronta os religiosos com "o clamor dos pobres". Diz que este clamor "deve impedir-vos de compromissos com qualquer forma de injustiça social. Ele obriga-vos a despertar as consciências para o drama da miséria e para as exigências de justiça social do Evangelho e da Igreja" (s. 18). E completa convidando para a aproximação dos pobres na sua condição de pobreza. Puebla ensina que os religiosos "devem também cooperar na evangelização do político" (528), mas sem ceder à tentação de um comprometimento em política partidária (528).

c) **Competência dos leigos** (cf. L. Gentium n. 33): Precisamos compreender a ação dos leigos não como prolongação da ação da hierarquia. Eles possuem seu próprio lugar dentro da Igreja, como leigos e devem

agir nesta propriedade, a título próprio. O leigo não é um homem secular. É um membro da Igreja no mundo secular. Possui um mandato direto de J. Cristo (LG, n. 33/83).

— Seu campo de ação é o mundo (Puebla 789).

— Ênfase especial na atividade política (n. 791). No nosso continente marcado de injustiças “não se podem eximir dum sério compromisso com a promoção da justiça e do bem comum” (793).

— Devem ser “agentes da justiça” e não só denunciadores da injustiça (793).

— A eles cabe a militância partidária (791) e até “construir e organizar partidos” (524) com ideologia e estratégia adequada (524).

— Fazem tudo isto, não sob a direção dos Bispos, mas por si mesmos. Os textos do Sínodo dos Bispos sobre a Justiça e de Puebla são claros: “sob a direção do espírito evangélico e da doutrina da Igreja” (Sínodo 38); “sempre iluminados pela fé e guiados pelo Evangelho e pela doutrina social da Igreja e ao mesmo tempo pela inteligência e aptidão para uma ação eficaz” (Puebla 793). Não basta o Evangelho, precisa-se de lucidez, enfatizam os bispos.

Portanto, tiremos uma conclusão: quando leigos se reúnem, fundam um movimento de Ação, Justiça e Paz, por si mesmos, fazem seus trabalhos, suas campanhas, como hoje em tantas comunidades cristãs, es-

tão usando de um direito e exercendo um dever. Pelo próprio ensinamento oficial dos Bispos, não precisam do aval de seu Bispo ou pároco, sem o qual, seu movimento não teria caráter cristão. Ele possui caráter cristão porque eles são membros vivos da Igreja e a título próprio de sua dignidade de leigos atuam em seu campo próprio que é o mundo e o campo político, até da política partidária. Segundo Puebla, os Bispos devem “garantir sua **solidariedade**, favorecendo sua formação e sua vida espiritual e estimulando-os em sua criatividade para que procurem opções cada vez mais conformes com o bem comum e as **necessidades dos mais fracos**” (n. 525). “E ao desenvolverem aquelas atividades, agem geralmente por sua própria iniciativa, sem envolverem na sua decisão a responsabilidade da Hierarquia eclesiástica; de algum modo implicam, porém, a responsabilidade da Igreja, dado que são seus membros” (Sínodo 38). Aqui se faz uma clara distinção entre Hierarquia e Igreja como totalidade dos fiéis.

6. Dois critérios para o compromisso dos leigos num determinado partido.

Como se depreende de toda a exposição, a política partidária é da competência dos leigos. Entretanto, isso não significa que à luz de sua fé e do Evangelho se recomende qualquer partido. Deve-se sempre respeitar a decisão de cada um, porque do Evangelho não se deduz nenhum partido. Entretanto há critérios negativos que excluem alguns

partidos. Estes critérios variam na história; na A. Latina, face à situação social injusta e ao nível de consciência adquirido pela Igreja, se elaboraram especialmente dois critérios.

A Igreja inteira fez uma **opção preferencial pelos pobres** (Puebla, IV parte, cap. II, nn. 1166-1205), como expressão de sua fidelidade ao Evangelho e ao clamor dos oprimidos. Em conexão estreita a esta opção, fez também uma opção pela **libertação integral** que visa a transformação da atual situação para uma outra mais fraterna e justa (nn. 470-506).

Estes dois critérios para o cristão consciente que quer caminhar com sua Igreja funcionam como critérios que o orientam no julgamento dos partidos: Qual deles favorece mais os pobres que são a imensa maioria do povo? Qual deles propicia mais uma libertação integral?

Não se trata só ser **para** o povo, mas caminhar **com** o povo e fazer o próprio povo andar e chegar a sua própria humanização.

7. Conclusão

Por todas as partes no Brasil estão florescendo comissões de Justiça e Paz, ligadas à pastoral das Igrejas em nível diocesano, paroquial e das comunidades eclesiais de base.

Importa mais e mais reforçar esta forma de viver a fé articulada com a humanização da vida. Para isso importa assimilar três pontos:

a) Compreender o compromisso pela justiça: como resposta aos ensinamentos oficiais da Igreja, do Papa, dos Bispos e como expressão da maturidade dos leigos, encarnados em sua fé dentro da realidade conflitiva.

b) Apoiar efetivamente o movimento: Lutar pela justiça não é uma festa, não é uma filigrana, não é um buquê de rosas, não é um momento de doçura tranqüila e de enlevo romântico. É entrar num conflito que toda denúncia de injustiças implica. É viver uma tensão e alimentar um espírito de paz no meio do conflito, sem deixar-se tomar pelo instinto de vingança e de farisaísmo.

c) Participar no movimento: existe lugar para todos em distintos níveis de engajamento e em diferentes frentes, seja na equipe jurídica, de estudos de casos, no aprofundamento doutrinário e de conscientização, etc.

Os bispos de Puebla nos deixaram uma vigorosa lição: "Para nós hoje em dia, o amor de Deus deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa" (n. 327).

VIDA RELIGIOSA E PROFISSIONALIZAÇÃO

Pe. Belmiro de Mello Filho, SVD
Ir. Terezinha do Carmo Silva, Prov. de Gap

Nos dias 06 a 08 de junho de 1980, reuniram-se no Rio, 14 religiosas profissionalizadas, sob a coordenação da equipe de reflexão sobre Vida Religiosa e Profissionalização, da CRB Nacional, com a assessoria teológica do Padre Carlos Palacio, a fim de refletirem, analisarem e aprofundarem o tema. O Encontro teve início às 20 horas do dia 06/06/80, com a presença do Pe. Décio Batista Teixeira, Presidente da CRB Nacional.

Nesta oportunidade foi apresentado um pequeno histórico dos encontros que a este precederam. O primeiro foi em outubro de 75, contou também com provinciais, além de Irmãs profissionalizadas. O segundo, foi em fevereiro de 1977, em Fortaleza, com um número restrito de participantes. E este é o terceiro encontro com o tema: **VIDA RELIGIOSA E PROFISSIONALIZAÇÃO, SUAS IMPLICAÇÕES RECÍPROCAS.**

Seguindo, houve apresentação dos participantes presentes. Constatou-se uma variedade de experiências profissionais: trabalho em fábricas, hospitais, escolas, serviço social em órgãos municipais, etc. e a presença das seguintes congregações: — Missionárias de Jesus Crucificado; Irmãzinhas da Assunção; Carmelitas da Divina Providência; Irmãs de São José de Chambéry; Providência de Gap; Religiosas de N. S. de Sion; Congregação de Nossa Senhora (C.S.A.); Pia Sociedade de São Paulo.

A coordenação esteve constituída pela Irmã Laura Fraga de Almeida Sampaio, C.S.A., coordenadora do Encontro, Ir. Terezinha do Carmo Silva, Prov. de Gap; Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI e Pe. Belmiro de Mello Filho, SVD. O Encontro foi programado para as regionais do Rio, São Paulo, Minas Gerais, constatando-se também uma presença de Belém do Pará, e outra do Paraná.

Em seguida, o grupo passou a relatar suas expectativas quanto ao encontro, destacando-se as seguintes idéias:

— Profundo desejo de uma troca de experiências.

— Necessidade de uma parada para refletir sobre vida religiosa e profissionalização.

— Desejo de aprofundar este tema ainda pouco explorado bem como de encontrar alguma linha forte que dê continuidade ao trabalho, atendo-se ao essencial.

— Desejo de aprofundamento de como viver a vida religiosa no meio da profissão.

— Desejo de aprofundar o sentido da profissionalização na vida religiosa.

— Desejo de que se chegue a algumas conclusões, ainda que provisórias, no sentido de abrir pistas para as Irmãs profissionalizadas.

Finalmente combinou-se o horário para o Encontro, terminando o dia com um momento de oração. O Encontro teve continuidade no dia seguinte, às 8 horas, com a oração da manhã. Em seguida as participantes foram divididas em três grupos para trocarem experiências e idéias em torno das seguintes questões:

1) Como se relacionam vida religiosa e vida profissional?

2) Como se relacionam trabalho profissional e missão evangelizadora?

3) Como coadunar na vida religiosa, trabalho profissional e opção pelos pobres?

4) Dê sugestões de outros temas que gostaria de ver tratados neste encontro.

Às 14h teve lugar o plenário onde foi colocado de maneira sintética o resultado do trabalho dos grupos sem que se tenha conservado nas respostas a ordem exata das perguntas.

Grupo 1

1) É fundamental para uma religiosa profissionalizada que ela seja feliz e realizada no **seu estado de vida**.

2) Notou-se que a presença das Irmãs no ambiente de trabalho é **muito marcante**, dentro do espírito de simplicidade. Esta presença se concretiza sobretudo no fato de que a Irmã respeita as pessoas, busca a justiça e procura ser ela mesma.

3) Notou-se também que após muita luta e esforço, conseguiu-se uma **unidade de vida**. É preciso esta unidade e harmonia do ser para superar os riscos da profissionalização e da possível dicotomia entre trabalho e missão.

4) Antes a profissionalização era motivo de um pouco de rejeição por parte da comunidade. Hoje várias dessas Irmãs profissionalizadas ocupam também postos de coordenação nas próprias comunidades, nas regiões e setores da CRB.

Grupo 2

A profissionalização faz descobrir valores em nós mesmas. Ela nos faz crescer.

— Pelo fato de trabalharmos estamos ligadas a uma Instituição. Toda Instituição é reflexo do sistema que vivemos. Ela tem preocupação de controle. Quando estamos em cargo de coordenação é mais difícil trabalhar. Os companheiros na convivência conosco adquirem confiança em nós. Eles se manifestam como são. O povo na convivência se apresenta sem máscara. Nós lutamos juntos, mas sabemos que o processo de libertação é lento. A participação na vida dura do povo nos obriga a redimensionar nossos valores, viver em maior profundidade nossa consagração. Eles criticam sem medo, não têm receio de se mostrar quem são e o que pensam.

— Nossa convivência no meio deles faz-nos ser mais e melhores, com o coração aberto vamos nos modificando com eles. Ainda existe por parte de algumas, dicotomia entre o trabalho assalariado e pastoral.

— Nós temos certas seguranças que o povo não tem. Nossa dificuldade maior é viver os valores cristãos no ambiente de prostituição, aborto, consumo, sede de lucro. Quanto à opção pelos pobres, vemos muitas perspectivas: mudança de local geográfico e social; passar de um ambiente burguês para a periferia.

— A convivência com o povo simples nos realiza, concretiza nosso voto de pobreza. O processo é lento, mas irreversível. É um desafio para nós não nos fantasiarmos de pobres, isto é, darmos uma falsa aparência de ser pobres, quando na realidade não o somos.

— É necessário também que haja respeito às que não estão na mesma etapa de processo. Um cuidado especial com as Irmãs que sentem o conflito por não poderem trabalhar mais. Há irmãs que se sentem inúteis por não poderem contribuir. Atenção especial aos jovens que entram, para não direcioná-los em nossos padrões. Volta às fontes.

Grupo 3 — Resumo

Em termos profissionais: Optar por uma profissionalização que, embora não conseguindo mudar as estruturas, consiga, ao menos, juntar forças que poderão influir para a mudança.

Em termos de Igreja: Saber contestar dentro da própria Igreja. Viver com grupos de diversos tipos, mesmo que não possamos assumir todas as idéias e radicalizações deles.

Em termos de VR: Dar ênfase a certos valores de Vida Religiosa, tais como: a partilha, a oração. A meta comum em termos apostólicos.

Às 15,30h, o Pe. Carlos Palacio fez uma colocação procurando localizar a atual questão da profissionalização dentro do desenrolar histórico da vida religiosa. Iniciou dizendo das experiências inéditas que

serão melhor elucidadas por elementos que optaram pela profissionalização na Vida Religiosa. Terá o pequeno grupo melhor condição de situar e externar os problemas vivenciados nesta maneira nova de viver a vida religiosa.

Situou a profissionalização como um termo novo na própria sociedade em que vivemos, com repercussões também na Vida Religiosa. A partir do século XVI, em que começa a se constituir a sociedade moderna, surge uma nova fase na vida religiosa. O aparecimento de religiosos nas origens da Vida da Igreja, teve início espontâneo. As primeiras formas de vida religiosa foram surgindo como reações de comunidades vivas, muito concretas. Grupos iniciais surgindo no momento de recuo e de acomodação espiritual. Portanto, uma reação espontânea de cristãos, apelando para o que chamariam de vida apostólica.

Houve período de plenitude e decadência. Novas formas de vida religiosa foram aparecendo nos moldes das Ordens e Congregações religiosas. Quase que repetição dos mesmos esquemas dos monacatos. Não houve grande inovação. A partir de nossa realidade atual, acompanhando as mudanças, surge a profissionalização. O problema da profissionalização situa-se, no começo, como busca de realização pessoal na profissão. Hoje o problema é colocado já de forma diferente. Não busca de realização pessoal, mas visão nova de pobreza na vida religiosa.

Há mudança na mentalidade das pessoas. A profissionalização passa a ser vista mais em termos de marcar uma presença no meio dos homens. Como manifestação de que há alguma coisa a fazer e a mudar na sociedade. É importante perceber o deslocamento da problemática na vida religiosa moderna, percorrer a evolução durante os últimos vinte anos. Sentir a totalidade significativa. Olhar e ver o que as mudanças parciais significam. As pequenas comunidades, no início, mal interpretadas suscitam novas motivações. O fato de ser a pequena comunidade inserida no mundo ou na sociedade, tal como ela é, foi modificando a vida religiosa. Daí a secularização no bom sentido. Mudanças de vida, estruturas, hábito, profissão. Contestação das próprias obras apostólicas, partida para outras, chamadas de Pastoral particular da Igreja, de maneira mais direta. O dinamismo da evolução é o que vai nos dando o sentido das inserções das pequenas comunidades no meio eclesial. Tudo foi necessário acontecer para chegar ao que temos hoje.

Percebe-se um último passo provisório de uma evolução onde as comunidades fizeram um grande êxodo — encontramos aí uma explicação para o sentido da profissionalização. Fase que vai evoluindo sem se saber claramente para onde vai. Às 17,30h celebrou-se a Santa missa, que foi muito bem participada e partilhada segundo a vivência concreta de cada uma. Às 19,45h continuou a troca de idéias no plenário, iniciada após a colocação do Pe. Palacio.

A discussão girou em torno da questão: a partir da experiência de cada uma, em seu lugar concreto de trabalho, de que modo sua maneira de viver como religiosa profissionalizada se torna contestadora da sociedade atual e da Igreja? Percebeu-se basicamente que os valores fundamentais do cristianismo e da vida religiosa se chocam com muitos dos "valores" da sociedade, refletidos no local de trabalho. A maneira de testemunhar os valores evangélicos, contestando os pseudo-valores da sociedade, refletidos no local de trabalho, foram apontados como os seguintes:

— tratamento igual das pessoas mais simples ou não, o que não é o comum;

— contestação dos "valores" da sociedade de consumo;

— defesa dos direitos humanos e da justiça (salários, tratamento humano nos acidentes de trabalho, etc.);

— respeito e defesa dos direitos da mulher;

— conscientização dos trabalhadores e seus direitos;

— não preocupação em ganhar dinheiro, em manter poder e "status";

— dificuldade de manter-se no emprego quando não se enquadra no sistema;

— conscientização de outros profissionais numa linha de atuarem em favor do direito e da justiça;

— contestação do carreirismo, da politicagem, da bajulação.

A nível de Igreja sentiram-se as seguintes dificuldades:

— Pela experiência de vida levada pela religiosa profissionalizada, às vezes ela não entende a maneira de ver e sentir a vida religiosa como as outras religiosas, que levam uma vida religiosa em ambiente mais estruturado, e não é entendida por estas religiosas. Por ex.: quanto ao tipo de problemas que sente, quanto à maneira de rezar, isto com o perigo de isolar-se de conjunto de vida religiosa, caso não encontre um grupo que viva como ela ou a entenda.

— Às vezes ela se sente entre a espada e a parede: para uns ela não é suficientemente radical, para outros ela é demasiado radical.

— Às vezes, em questões sociais, há mais afinidade de pensamentos com setores não-cristãos, que com setores assim chamados cristãos.

— Sentiu-se a dificuldade de se manter o ideal religioso na profissionalização se não há um grupo de apoio, que partilhe dos mesmos valores. Com uma pequena oração da noite, encerraram-se os trabalhos do dia. Os trabalhos do dia 08/06 iniciaram-se às 8h. Os participantes foram divididos em três grupos para responderem as seguintes questões:

1) A partir de sua experiência de vida como se configura o projeto religioso para você?

2) A partir deste projeto religioso como se configura a profissionalização?

3) Em que a CRB poderia ajudá-las a viver este projeto religioso como profissionalizadas?

Às 10,30h realizou-se o plenário sobre as questões acima que apresentou o seguinte resultado:

Grupo 1

O nosso projeto religioso se configura por menos estrutura, mas com um mínimo necessário de estrutura para não tornar-se a comunidade um "pensionato"; e por uma oração muito mais encarnada. Vida de Comunidade, adaptada ao ritmo de cada Irmã. Horário flexível. Em termos de intensificação de Encontros de Comunidade e de vida de oração, deve haver momentos fortes de oração comunitária, mas não diariamente.

Importância de valorizar o lazer e realmente procurar vivê-lo. Vida simples, tendo apenas o necessário, eliminando o supérfluo e contestando a sociedade de consumo. Este item é importante não só para cada Irmã, senão também para a Comunidade. A Vida Religiosa é seguimento de Cristo que contestou a sociedade de seu tempo, e portanto a vida religiosa hoje tem que ser uma contestação.

O Projeto Religioso condiciona de um certo modo a nos levar a esta contestação. Fazer com que o homem seja mais homem através da justiça e libertação. A própria Congregação, através das Assem-

bléias, Encontros é que deve ir dando a linha para isto; isto vai condicionando, norteando a nossa vida profissional — sempre levando ao processo de reflexão. A Igreja na América Latina, os documentos de Puebla, nos impulsionam a este questionamento e a um compromisso mais efetivo lá onde a gente está e com as pessoas com as quais a gente está.

Através das experiências das Irmãs que trabalham, nota-se a existência de um certo espaço para o compromisso pela justiça neste trabalho; devemos aproveitar ao máximo este espaço e tentar ampliá-lo. Para isto, ter a coragem de correr o risco. Prudência também, mas não pecar por omissão.

Grupo 2

Nosso Projeto Religioso se configura numa necessidade de uma vida nova, a partir do povo e voltada para o povo, e não a partir de uma estrutura. Característica dessa vida é a simplicidade, que se reflete em todos os aspectos da vida: orações, vida fraterna e em todo tipo de relacionamento humano. Buscamos viver em comunidade e amadurecer juntas na vivência dos valores cristãos que já estão no meio do povo. A comunidade se torna um espaço para cultivo desses mesmos valores.

Esse tipo de vida exige um compromisso sério com o povo. Exige que a religiosa seja aquela que troca experiência, e não a que ensina. Redescoberta do valor do trabalho na vida — assumir o trabalho de modo consciente, no seu próprio

sentido de manutenção da vida, como o pobre.

Traz em si a contestação a uma vida folgada, baseada no gozo de rendas, posse. O Projeto Religioso nos leva à escolha de uma linha de trabalho que nos possibilita a vivência de nosso carisma, e que esteja de acordo com nossa opção pela classe oprimida. Dinamiza nossa vivência no ambiente de trabalho e vice-versa.

Grupo 3

1. Nosso projeto religioso se configura como: — Opção definida pelo seguimento de Jesus Cristo e expressão na vida dos valores evangélicos: fé, respeito pelo outro, simplicidade, disponibilidade, autenticidade e imparcialidade, tomada de posição em face das situações de injustiça, arriscando-se diante das conseqüências. O testemunho da vivência desses valores contesta os valores de nossa sociedade.

— Vida religiosa alimentada pela oração, reflexão e vida comunitária.

— Estilo de vida comunitária adequada para o desempenho da missão na qual se está engajada — comunidade organizada em função da missão.

— Orientação e apoio da Congregação para prever a formação permanente, em conciliação com o tempo disponível.

2. Por sua vez, o projeto religioso incide sobre a profissionalização de várias maneiras: Escolha da profissão a seguir, numa linha de com-

promisso com a justiça. Escolha da formação profissional com amplitude da área, buscando as formas de inserção, com critérios adequados. Ex.: de critérios para a inserção: ser conscientes das implicações políticas, econômicas, dos tipos de engajamentos que se escolhem; ter espírito crítico para escolher a inserção; busca de profissão que permite contato humano, em vista de um trabalho de conscientização e de luta pela justiça; saber rever sua opção pelo tipo de trabalho e talvez fazer uma reopção com espírito crítico, e julgar sobre a continuidade de inserção.

Foram dadas algumas sugestões à CRB em relação aos religiosos profissionalizados:

— Ajudá-los a refletir, a partir do que estão vivendo como projeto religioso, através de encontros de âmbito nacional e regional.

— Publicar artigos com intercâmbio de experiências profissionais concretas e sua reflexão crítica.

— Trabalhar junto aos Superiores para possibilitar-lhes a reflexão sobre o processo da profissionalização.

Após o relatório dos grupos foi colocada a questão:

— Quais as dificuldades concretas que se encontram na sua experiência de vida na realização de seu projeto religioso?

Esta questão ficou para ser refletida nas comunicações de origem e os resultados serem enviados à CRB. Com a Eucaristia às 11,30h,

que foi novamente muito bem participada e ligada à vida das presentes, encerrou-se o Encontro, avaliado como positivo pelas participantes.

Publicamos a seguir alguns depoimentos de irmãs profissionalizadas, apresentados durante o Encontro.

DEPOIMENTOS SOBRE O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO NA VIDA RELIGIOSA, IRMÃZINHAS DA ASSUNÇÃO

1. Como se relaciona Vida Religiosa e vida profissional?

Escolhemos a profissão na linha da opção de vida. Para nós, o Carisma da Congregação é dar testemunho de Cristo Servidor e Salvador, numa inserção no povo, especialmente em meio operário. Assim, trabalhamos em fábrica: linha de produção, profissionais; e a serviço do povo: saúde, serviço social. Tentamos viver os valores da vida religiosa em nosso ambiente de trabalho: Valor da pessoa: respeito, companheirismo, justiça. Profetismo: **simplicidade** — em face do mundo do lucro, do consumismo; **celibato** num ambiente onde o sexo tem a primazia; defesa dos direitos humanos num mundo de opressão e competição. Se a vida comunitária assume a opção da religiosa e dela participa, não há problema fundamental de harmonia.

2. Como se relacionam trabalho profissional e missão evangelizadora?

Para nós, não se trata de duas realidades separadas. Considera-se o próprio ambiente de trabalho como campo importante de evangeli-

zação. Isto de muitas maneiras: Criar espaço de expressão, de amizade, de diálogo. Respeitar cada pessoa em si, e não segundo o cargo que ocupa. Solidarizar-se com os que lutam pela justiça: participar dum sindicato, denunciar injustiças. Quando o local do trabalho o permite, há uma ação comum com a pastoral: Trabalho em fábrica com a Pastoral Operária. Serviço das comunidades, serviço social com as CEBs, lutas populares.

Em nosso trabalho devemos ser militantes e não nos marginalizar da luta do povo, até mesmo dum greve. Devemos respeitar a caminhada de cada um, sua opção diante da realidade (sustento da família, insegurança...). Não impor nossas idéias nem liderar, mas participar e solidarizar-nos. Podemos nos sentir mais livres não tendo família a sustentar, mas de outro lado podemos sentir a mesma insegurança do povo (doença, desemprego...). Dar importância à conscientização de base com o povo, o que nos faz crescer com ele.

3. Como coadunar na Vida Religiosa, trabalho profissional e opção pelos pobres?

Para nós, tudo está na linha do Carisma: o serviço dos pobres. O trabalho assalariado é uma presença de evangelização, mas também um meio de nos libertar da dependência da classe rica (que antes nos ajudava em nosso sustento), e de suas conseqüências... Isso aumenta nossa solidariedade com os pobres e nos insere mais concretamente em seu estilo de vida (moradia, transporte, trabalho...)

— **Dirce Pontes.** Serviço Social da comunidade, numa unidade de

medicina preventiva. Posto de Saúde da Prefeitura — Osasco, SP.

— **Maria Nair Pereira de Arruda.** Metalúrgica. Linha de Produção (SP). Oficina de ajustagem (MG).

— **Chantal de la Roussière.** Auxiliar de enfermagem do trabalho. Metalúrgica (SP).

Irmãzinhas da Assunção, inscritas para participar do Encontro da CRB, Rio de Janeiro, junho de 1980.

CONTRIBUIÇÃO PARA A REFLEXÃO SOBRE O TRABALHO ASSALARIADO

1. Como se relacionam vida profissional e vida religiosa? Há harmonia?

Para nós, o trabalho profissional é sempre ligado à nossa opção Vida Religiosa Apostólica para uma missão na Igreja. No decorrer do tempo passou por etapas diferentes, mas sempre querendo ser uma presença no meio operário: cuidados de enfermagem a domicílio; orientação familiar (estar a serviço da família operária pobre, através do trabalho doméstico); trabalho assalariado: fábrica, saúde pública, serviço social; presença no bairro, através de diferentes atividades.

São meios diferentes para a solidariedade com a classe operária. São caminhos de evangelização. Para nós, isso não traz problemas

de harmonia, pois está na linha de nossa opção apostólica. Mas surgem tensões e exigências de equilíbrio, ligadas ao caminho da encarnação.

Tensões. Integrar vida de trabalho, vida comunitária, atividades no bairro, oração, formação permanente. Necessidade de paradas fortes para rever e assimilar aquilo que vivemos. Sofrer o choque de comunidade de destino; dificuldade de identificação com os colegas de trabalho, pois nossas opções vão contra a corrente, trazem choque: conversa, moda, sexo, ascensão na escala social, lazer... Identificar-se com uma situação de marginalização e violência, em ambiente de fábrica, ou linha de produção (não especializada).

Meios de equilíbrio. Ter bem clara a motivação de nossa escolha em nível pessoal, comunitário e de Congregação. Ter critérios de escolha (por que optar por tal profissão?): que a opção de trabalho assalariado seja caminho de expressão de nossa vocação de Irmãs da Assunção. Nossa Intenção Apostólica é seguir Cristo Servidor e Salvador... (R.V. 81). Que o trabalho assalariado seja assumido como envio em missão e que toda a comunidade se sinta responsável; revisão periódica pessoal e comunitária; uma oração encarnada; qualidade de nossa vida fraterna; estar em contato com quem esteja assumindo nessa mesma linha.

2. Como se relacionam trabalho profissional e missão evangelizadora?

Encaramos nossa vida religiosa apostólica numa unidade VR-Missão; e nossa vida religiosa apostólica se encarna, assumindo as realidades do mundo operário: estilo de vida, bairro, condições de trabalho, transporte, etc. Como seguimento de Cristo que serve e salva. Por isso, para nós a comunidade apostólica é o lugar onde vivemos e testemunhamos os valores do Reino e por ela mesma é evangelizadora.

3. Como coadunar na VR, trabalho profissional e opção preferencial pelos pobres?

Para que haja uma presença de VR e opções preferenciais pelos po-

bres é preciso que haja uma mudança de lugar social, assumindo-se todas as conseqüências e transformações que essa opção traz, mesmo em nós mesmas. Isso traz tensões: aceitar rupturas com a classe dominante; aceitar rupturas de privilégios de religiosa; aceitar ser minoria na Igreja.

São positivos os aspectos: traz uma libertação de todo tipo de dependência econômica no campo apostólico e desamarra da classe social que detém o poder econômico; a Evangelização não depende da obra, mas do anúncio e do testemunho. **(Da Comunidade de Bauru)**

1. Como se relacionam vida profissional e vida religiosa?

Sendo a vida religiosa uma vida que quer ser uma procura e uma entrega total a Deus, isso pode se dar na vida profissional. De modo que vida profissional e vida religiosa se relacionam perfeitamente na pessoa da religiosa engajada, desde que ela viva no cotidiano da vida toda uma íntima relação com Deus, por uma grande união com Ele, uma contemplação apostólica. A religiosa com vida profissional deve ter conseguido uma unidade de vida, ter um amadurecimento psicológico e humano.

A vida profissional deve ser vivida em comunidade fraterna, deve ser a comunidade que envie a reli-

giosa em missão de trabalho profissional; nunca ser apenas uma experiência ou uma promoção, ou forma de independência pessoal. Dentro do possível, a religiosa deve trabalhar no mesmo bairro ou setor em que está inserida a comunidade. Assim é maior o testemunho de: fraternidade; pobreza, inserção no meio; complemento e ligação com o trabalho dos demais membros da comunidade.

O engajamento profissional deve ser discernido e revisto em comunidade e em ligação com a Igreja local.

2. Como se relacionam trabalho profissional e missão evangelizadora na Vida Religiosa?

Não pode haver missão evangelizadora sem o testemunho da comunidade. A religiosa deve ser alegre, amável, etc. praticar a fraternidade, atenção e respeito especial ao pobre especialmente. Praticar e lutar pela justiça, pelos direitos dos operários. Ter ação evangelizadora e libertadora. Dar testemunho explícito de Cristo nas ocasiões oportunas. **Montserrat** (trabalha como enfermeira do trabalho numa firma na Cidade Industrial, Belo Horizonte).

DEPOIMENTO SOBRE O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO NA VIDA RELIGIOSA

Irmã Maria de Lourdes Almeida

Congregação de Nossa Senhora de Sion
Província de São Paulo, SP

1. Como se relacionam vida profissional e vida religiosa?

A profissionalização é uma decorrência do processo de secularização que estamos vivendo nos dias atuais, do qual os religiosos não poderão escapar. Este fenômeno é relativamente recente nas estruturas da vida religiosa. Nota-se, não raras vezes, conflitos e angústias entre os religiosos, sobretudo entre aqueles que já estavam habituados a uma estrutura religiosa estabilizada. Nota-se um esforço para harmonizar a vida religiosa e a vida profissional, mas ainda existem muitas dificuldades, que só serão solucionadas com as futuras gera-

ções de religiosos, se forem para isso preparados, desde o início da formação.

Os problemas mais comuns são: a — Insegurança. b — O medo de assumir uma responsabilidade. c — O despreparo para assumir certas tarefas. d — Não sentir-se à altura para competir com os leigos e a frustração de ser passado para trás. (Os religiosos não têm mais privilégios). e — A sujeição às leis do trabalho (contratos, horários, férias) que reduz o religioso a um profissional, com certo prejuízo de sua formação contínua, sua vivência comunitária e sua vida de oração.

Uma vez solucionadas essas dificuldades, deve-se encarar a profissionalização como uma ótima oportunidade para o religioso viver como fermento evangélico na comunidade onde está inserido e onde realiza o seu trabalho. Nas pequenas comunidades onde todos os membros são profissionalizados é necessário que haja um constante questionamento sobre a validade de sua presença no ambiente onde a comunidade exerce suas atividades. Rever sempre a vida comunitária, a vida de oração, inserção no mundo do trabalho, testemunho e missão. Ter a coragem de partir para outra e assumir as conseqüências que esta atitude pode acarretar. Não é fácil mas é necessário.

2. Como se relacionam trabalho profissional e missão evangelizadora na vida religiosa?

Os religiosos, sendo preparados para o trabalho profissional, poderão dar continuidade à missão de Cristo. Evangelizar e libertar aqueles com os quais exercem suas atividades profissionais. No seu ambiente de trabalho, os religiosos têm a ocasião de testemunhar a sua responsabilidade, o seu amor pelo trabalho bem feito. Onde quer que atuemos somos presença de Igreja. Na escolha das atividades profissionais, a primeira preocupação dos religiosos deve ser apostólica. Devemos escolher nossas inserções de acordo com as possibilidades de viver aí nossa vocação. O salário e a segurança não devem estar em primeiro plano.

Somos chamados a trabalhar pela promoção humana, pela justiça social, pela defesa dos direitos da pessoa. A sujeição às exigências de uma vida profissional, sem privilégios, nos ajuda a compreender melhor a sorte daqueles que vivem numa condição sub-humana, injustiçados, tendo seus direitos desrespeitados. Assim sendo, nossa evangelização será autêntica, mais real. Muitas vezes a evangelização é recíproca. Evangelizamos e somos evangelizados pelos pobres.

3. Como coadunar, na vida religiosa, trabalho profissional e opção preferencial pelos pobres?

Os religiosos fazem uma profissão pública de pobreza religiosa voluntária. Esta decisão de viver a pobreza será eficaz se trazer consigo uma atitude existencial de relativização de fatores em geral considerados absolutos pelos homens. É necessário, portanto, que a profissão explicita, corresponda à autenticidade de vida. O trabalho profissional, muitas vezes, é um fator que coloca os religiosos entre os pobres, a fazer-se pobre com os pobres. Jesus Cristo, sendo Deus, não hesitou em armar a sua tenda entre os homens. A Igreja, continuadora de Cristo, só pode compreender sua Missão se ela se encarnar profundamente na vida dos homens. O trabalho profissional é uma das formas de encarnação entre os homens, e de modo particular entre os pobres, aqueles que lutam pela sua sobrevivência.

O testemunho dos religiosos é mais autêntico se os pobres com os quais convivem podem visualizar uma vida de simplicidade, na qual nem todas as necessidades podem ser cobertas, sujeição às leis normais de trabalho, certa insegurança em relação ao futuro. A opção preferencial pelos pobres deve ir além de uma ação promocional. Esta pode ser realizada pelos poderes públicos, ou outra iniciativa privada. A missão dos religiosos é a mesma de Cristo, que evangeliza promovendo e promove evangelizando. Para esta tarefa, a maioria dos religiosos não está preparada.

O religioso profissionalizado deixa de ter aquela atitude paternalista de outrora em relação aos pobres, mas também corre o risco de se acomodar a uma situação de injustiças, de opressão. Isto, para não se queimar, para ter uma certa segurança material em relação ao futuro, pessoal e comunitário. Devemos entender opção preferencial pelos pobres como meio de levar os pobres a valorizar a verdadeira pobreza, da pessoa, do ser, do espírito. Levá-los à verdadeira libertação, para que por sua vez eles possam libertar os outros.

PUEBLA FALA

DA VIDA RELIGIOSA (IX)

767 Fomentar entre os religiosos o conhecimento da teologia da Igreja Particular e o da teologia da vida religiosa entre o clero diocesano, com vistas ao fortalecimento duma autêntica pastoral orgânica, em nível de diocese e de conferência episcopal.

768 Estabelecer relações institucionalizadas das conferências episcopais e outros organismos eclesiais com as conferências nacionais de superiores religiosos e outros organismos de religiosos, de acordo com os critérios da Santa Sé para as relações entre os bispos e religiosos na Igreja.

c) Missão mais comprometida

769 Incentivar os religiosos para que assumam um compromisso preferencial pelos pobres, levando em consideração o que disse João Paulo II: “Sois sacerdotes e religiosos; não sois dirigentes sociais, líderes políticos ou funcionários dum poder temporal. Por isso vos repito: não tenhamos a ilusão de servir o Evangelho se permitimos que o nosso carisma se ‘dilua’ através dum exagerado interesse pelo vasto campo dos problemas temporais” (João Paulo II, **Alocução Sacerdotes**, 8 — AAS, LXXI, p. 182).

770 Estimular os religiosos e religiosas a atingirem, com a sua ação evangelizadora, os ambientes da cultura, da arte, da comunicação social e da promoção humana, a fim de darem a sua contribuição evangélica específica, de acordo com sua vocação e situação peculiar na Igreja.

771 Despertar a disponibilidade dos consagrados para assumirem, dentro da Igreja particular, os postos de vanguarda evangelizadora em fiel comunhão com seus pastores e com sua comunidade e na fidelidade ao carisma de sua fundação.

772 Estimular a fidelidade ao carisma original e sua atualização e adaptação às necessidades do Povo de Deus, para que as obras alcancem maior força evangelizadora.

Observação: O texto oficial do Documento de Puebla “A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina”, tem 1310 números. Destes, 56 estão reservados à Vida Consagrada. Começa no número 721 e termina em 776. Aos poucos, transcreveremos, **ipsis litteris** estes números. Será preciso ler e reler para surpreender os sentidos subjacentes destas linhas.
